



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS – ODEERE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE – PPGREC



TATIANE GONÇALVES PEREIRA SOUZA

VEM JOGÁ MAIS EU, MANO MEU, VEM JOGÁ MAIS EU!
– UMA ANÁLISE SOBRE OS EFEITOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NA
CAPOEIRA DE JEQUIÉ

JEQUIÉ

2023

TATIANE GONÇALVES PEREIRA SOUZA

VEM JOGÁ MAIS EU, MANO MEU, VEM JOGÁ MAIS EU!
– UMA ANÁLISE SOBRE OS EFEITOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NA
CAPOEIRA DE JEQUIÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC – da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto.

JEQUIÉ

2023

S729v Souza, Tatiane Gonçalves Pereira.

Vem jogá mais eu, mano meu, vem jogá mais eu!: uma análise sobre os efeitos do Programa Mais Educação na capoeira de Jequié / Tatiane Gonçalves Pereira Souza.- Jequié, 2023.

76f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, sob orientação do Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto)

1.Capoeira 2.Relações étnicos-raciais 3.Pensamento decolonial I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 796.8142

TATIANE GONÇALVES PEREIRA SOUZA

**VEM JOGÁ MAIS EU, MANO MEU, VEM JOGÁ MAIS EU! - UMA ANÁLISE
SOBRE OS EFEITOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NA
CAPOEIRA DE JEQUIÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 1: Etnicidade, Memória e Educação.

Aprovada em: 26 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



DANILO CESAR SOUZA PINTO

Data: 28/04/2023 17:15:17-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto (UESB)
Presidente da Banca/Orientador

Documento assinado digitalmente



FLAVIA CAROLINA DA COSTA

Data: 28/04/2023 17:08:16-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Flávia Carolina da Costa (UFMT)
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente



CARLOS EDUARDO COSTA

Data: 28/04/2023 15:12:16-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa (UESB)
Examinador Interno

**JEQUIÉ
2023**

Dedico este trabalho à ancestralidade da capoeira, à minha ancestralidade, à minha família e a todas e todos capoeiristas de Jequié.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e aos orixás por terem me sustentado até aqui. Agradeço à ancestralidade da capoeira, nas pessoas de Dandara e Zumbi, Maria Quitéria e Maria Felipa, Mestre Pastinha e Mestre Bimba. Quero deixar registrado aqui meus agradecimentos aos meus e às minhas ancestrais, os quais cimentaram o caminho que trilho hoje, principalmente à Dindinha Cristina, que se dedicou a aprender a ler à luz do candeeiro até quando não pôde mais na mais avançada idade; à Vozinha, Dona Filhinha, e à minha mãe, Maria do Carmo. No sonho de três gerações de mulheres de saber “letch’ura”, como dizia Dona Filhinha, é que firmo meus passos como pesquisadora.

Não poderia deixar de, após agradecer os que já partiram e deixaram seu legado, agradecer àqueles que sustentam meus braços levantados, meus punhos cerrados e meus pés cansados: minha família. Meu marido é um ser extraordinário, e é também meu atual professor de capoeira. Com ele tenho aprendido a amar como verbo intransitivo. Agradeço os ensinamentos de capoeira, os ensinamentos sobre a vida e os ensinamentos sobre o próprio amor.

Agradeço a Giovana, minha filha, que tem me apoiado preparando as refeições e me enchendo de afagos enquanto me ponho a ler, a escrever, enfim a dissertar sobre capoeira. Sobretudo, quero agradecer-lhe em sua atuação na chegada da irmã Maitê, que veio ao mundo no meio do Curso de Mestrado, na cidade de Vitória da Conquista, devido a ser uma gravidez de alto risco. Boa parte do tempo em que estive com a vida em risco, a minha e a da bebê, ela e meu marido se revezavam dormindo mal na cadeira ao lado da cama, no carro no estacionamento ou no hotel distante e só. Ela se manteve firme, e sua presença me lembrava de que eu já havia passado por algo parecido e ela era a prova de que eu tinha obtido sucesso. Obrigada! Maitê chegou e por mais de um ano sua presença tem sido combustível para eu continuar vencendo as barreiras. Muito obrigada também a Maitê por seu apoio, mesmo sem que ela saiba, mas não menos importante.

Quero agradecer também à Rosinha, minha mãe postiça que tem me apoiado de uma maneira que não sou capaz de expressar em palavras; sou muito grata pelo amor, carinho e dedicação. Quando eu me senti insegura e vacilante, ela foi e é meu

porto seguro. Que Deus a conserve sempre forte e faça brilhar sua luz cada dia mais e mais. Obrigada por ter revisado minha pesquisa com tanto apreço e comprometimento.

Quero agradecer imensamente ao Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades – PPGREC por ter me possibilitado estudar um tema tão importante e me debruçar sobre um legado africano e afro-brasileiro como a capoeira e como ela atravessa as relações étnico-raciais. Um agradecimento especial a todos quantos possibilitam este programa e ao Órgão de Educação e Relações Étnicas – ODEERE; obrigada por existirem e resistirem: professores, coordenadores, pessoal administrativo e de apoio. Não quero me esquecer de agradecer aos meus colegas por sua generosidade e por ninguém ter soltado a mão de ninguém ao longo desses três anos pelos quais atravessamos a pandemia da COVID-19.

Findo essa seção de agradecimento demonstrando minha imensa gratidão ao professor Doutor Danilo César Souza Pinto por ser uma pessoa extraordinária que acreditou em mim quando falei de capoeira ainda lá na entrevista de admissão do Mestrado e que não soltou a minha mão em nenhum momento sequer, me orientando a cada passo. E também aos meus professores de capoeira, que me ensinaram capoeira desde os primeiros movimentos até o dia de hoje: Professor Danilo (Águias Acrobatas), Mestre Zumbi (Viva Zumbi), o Doutor Honoris Causa Rogério Brito Souza, o Mestre Didi (Energia da Terra) e professor Peruca (Motumbá Axé).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001-Portaria CAPES 206/2018.

lê, viva meu Deus
lê, viva meu Deus, camará
lê, viva meu Mestre
lê, viva meu Mestre, camará
lê, quem me ensinou
lê, quem me ensinou, camará
lê, a capoeira
lê, a capoeira, camará
lê, jogo de Angola
lê, jogo de Angola, camará
lê, sagacidade
lê, sagacidade, camará.

(Mestre Felipe de Santo Amaro)

RESUMO

Este trabalho trata da investigação realizada a respeito dos efeitos do Programa Mais Educação – PME (que esteve em vigor de 2008 a 2016) na capoeira em Jequié, além de um esforço de refletir sobre capoeira, relações étnico-raciais e decolonialidade. Para tal intento, utilizamos como método a análise qualitativa (BARDIN, 2011) e como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada não diretiva. A discussão sobre capoeira está apoiada nos escritos e estudos de Araújo (2004) e Campos (2001). Arruti (2014) e Cardoso de Oliveira (2003) pautaram nossas ponderações sobre relações étnico-raciais, e, para pensar a perspectiva da decolonialidade, nos valem de Quijano (2005) e Enrique Dussel (1994, 1996, 2015). Os efeitos do Programa Mais Educação na capoeira de Jequié foram os mais diversos. A pesquisa revelou que a relação da escola ou do Estado com a capoeira é controversa e complexa. E este trabalho aponta alguns, não pretendendo esgotar todas as possibilidades. A quantia irrisória usada para pagar mestres e professores de capoeira é um fator questionável, mas, mesmo sendo pouco, o valor pago era utilizado pelos mestres e professores como uma ajuda de custo importante para se manter. A pesquisa revelou que um programa educacional pode ter efeitos inesperados pelos seus idealizadores extramuros escolares. A presença da capoeira nas escolas, através do Programa Mais Educação, formou futuros capoeiristas e até mesmo incentivou um professor a criar um projeto social, como é o caso da Escola de Capoeira Motumbá Axé, no Brasil Novo, fundada pelo professor Peruca, um educador popular que ensinou capoeira em escolas municipais de Jequié e que teve uma atuação importante nas escolas municipais de Jequié durante o período em que vigou o Programa Mais Educação. Professor Peruca tem por mestre o Mestre Didi, que é fundador da Associação de Capoeira Energia da Terra e *Doutor Honoris Causa* por honra ao mérito, título concedido pela Faculdade Febraica.

Palavras-chave: capoeira; relações étnico-raciais; pensamento decolonial.

ABSTRACT

This work deals with the investigation carried out regarding the effects of the Programa Mais Educação – PME (which was in force from 2008 to 2016) on capoeira in Jequié, in addition to an effort to reflect on capoeira, ethnic-racial relations and decoloniality. For this purpose, we used qualitative analysis as a method (BARDIN, 2011) and a non-directive semi-structured interview as a data collection technique. The discussion on capoeira is based on the writings and studies of Araújo (2004) and Campos (2001). Arruti (2014) and Cardoso de Oliveira (2003) guided our reflections on ethnic-racial relations, and, to think about the perspective of decoloniality, we used Quijano (2005) and Enrique Dussel (1994, 1996, 2015). The effects of the Mais Educação Program on capoeira in Jequié were very diverse. The research revealed that the relationship of the school or the State with capoeira is controversial and complex. And this work points out some, not intending to exhaust all the possibilities. The derisory amount used to pay capoeira mestres and professors is a questionable factor, but, even though it was small, the amount paid was used by mestres and professors as an important allowance to support themselves. The research revealed that an educational program can have effects unexpected by its creators outside the school walls. The presence of capoeira in schools, through the Mais Educação Program, trained future capoeiristas and even encouraged a teacher to create a social project, as is the case of the Capoeira School Motumbá Axé, in Brasil Novo, founded by Professor Peruca, an educator popular who taught capoeira in municipal schools in Jequié and who had an important role in municipal schools in Jequié during the period in which the More Education Program was in force. Professor Peruca is taught by Mestre Didi, who is the founder of the Associação de Capoeira Energia da Terra and Doctor Honoris Causa in honor of merit, a title granted by Faculdade Febraica.

Keywords: capoeira; ethnic-racial Relations; decolonial thinking.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O jogo da capoeira ou a dança da guerra	24
Figura 2 – Professor Peruca e Mestre Didi em Poções, Bahia	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos capoeiristas entrevistados em Jequié entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023. N (3)	38
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

COVID-19 – (Co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria “doença do coronavírus”. Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados.

PPGREC – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas.

PME – Programa Mais Educação.

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

SUMÁRIO

LADAINHA.....	13
1 VEM JOGÁ MAIS EU!	16
1.1 Jogo de dentro, jogo de fora	17
2 IÊ, A CAPOEIRA!	21
2.1 O fio da navalha cortou	22
2.2 Negaças	32
3 CHAMADA DE ANGOLA	37
3.1 Chamaê, chamá	39
3.2 Vou chamar de um a um	44
4 ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM	48
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE A – Entrevista com Professor Peruca	58
APÊNDICE B – Entrevista com Caxixi Capoeira, aluno de Professor Peruca....	69
APÊNDICE C – Entrevista com Dobrão, aluno de Professor Peruca.....	73

LADAINHA

A Roda de Capoeira Angola se inicia com uma ladainha, a qual conta uma história de personagens importantes ou do cotidiano em forma de música. Tomo emprestado aqui essa analogia para contar a história desta pesquisadora e de como chegou a esta pesquisa.

Mulher afro-indígena de origem pobre, sempre vi a educação como uma espécie de tábua de salvação das agruras da vida. Vivi o êxodo para a cidade de São Paulo com a expectativa de que, se eu trabalhasse árdua e incansavelmente, poderia galgar lugares altos, principalmente nos estudos.

Filha de mãe solo, vi-me desde bem cedo na incumbência de ajudar a sustentar minha mãe doente em Jequié com o salário que ganhava em São Paulo, ao mesmo tempo em que tentava avançar nos estudos.

Na graduação em Letras, fiz uma prova de transferência para a USP depois do segundo semestre na UNISANT'ANNA. Passei. Mas não poderia escolher cursar a universidade pública, pois era integral e minha mãe dependia do que eu lhe mandava para sobreviver. Então, mesmo tendo sido atestada como apta, fui impedida pelas circunstâncias da vida de escolher a universidade que queria cursar.

Antes mesmo de entrar na faculdade de Letras, trabalhei fazendo revisão técnica de Bíblias na maior editora do setor evangélico nos anos 2000. Prestei serviços sem vínculo empregatício por mais de 7 anos. Trabalhei na confecção de mais de 15 Bíblias, além de enciclopédias, para essa e para outras editoras.

Depois de concluir a graduação, matriculei-me num curso de pós-graduação *lato sensu* na PUC de São Paulo, pois gostaria de trabalhar escrevendo textos jornalísticos, entretanto não consegui dar cabo do curso completamente. Como era modular, concluí com muito esforço o módulo de Comunicação Jornalística Internacional. Os professores puquianos balizaram meu posicionamento político e filosófico.

No início dos anos 2000, antes da Lei de Cotas, quase não se via estudantes negros nas dependências da PUC-SP. Certa feita, um professor que eu tinha em alta conta apontou-me na sala como bolsista, sendo que eu pagava integralmente a mensalidade da universidade, a casa que estava construindo para minha mãe e uma ajuda de custo que eu lhe mandava a fim de que pudesse sobreviver. Ele me apontou na sala como bolsista, equivocadamente, por conta de meu tom de pele.

Quando o assunto veio à tona numa aula de um determinado professor, este não entendeu e me repreendeu por eu não ter enfrentado o professor racista durante o momento da agressão. Eu fiquei imóvel. Não havia ainda essa atmosfera insurgente coletiva como a gente vê hoje em dia.

Estudei muito sobre as classes sociais. Estava fascinada pela maneira em que as coisas faziam sentido pelo viés da luta de classes. Mas o marcador racial só atravessou meus estudos quando voltei a Jequié em 2015 e perdi minha avó. E, dois anos depois, minha mãe também se foi. Com a ausência física de minhas ancestrais, saí do eixo e me vi às voltas com um novo eu, desarraigada e precisando ressignificar o que eu era e por que minha presença no mundo era cheia de significados que até então eu não havia elaborado muito bem.

Elaborar essas perdas foi o que a capoeira me possibilitou em agosto de 2017. Ela me reconectou à minha ancestralidade e raiz negra. Ao pé do berimbau, do atabaque e do pandeiro, eu me vi inteira e de novo num eixo.

Particpei primeiro do Grupo de Capoeira Águias Acrobatas, em que as acrobacias eram o ponto alto de seus praticantes. Em seguida, saí desse grupo e acompanhei Mestre Zumbi, fazendo parte de seu grupo, o Viva Zumbi. As aulas eram ministradas no Ilê Axé Odé Nilewá. Sua capoeira tinha a questão negra mais enraizada, o que a envolvia com maculelê e samba de roda. E isso me encantou.

Mestre Zumbi tomou um rumo que não o da capoeira e então esse grupo se desfez. Dessa forma, segui o Professor Peruca em seu grupo recém-criado e me tornei aluna da Escola de Capoeira Motumbá Axé. Em minha trajetória, particpei de rodas de capoeira em escolas de Jequié. De modo que, antes mesmo de me tornar professora, já estava nas escolas como capoeirista, fazendo exposições artísticas de capoeira.

Em 2018, prestei concurso para a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e passei. Assumi em 2019. Posso dizer que quem se tornou professora em 2019 foi a capoeirista Tatiane. Costumo anunciar por onde passo que não sou uma professora capoeirista, mas uma capoeirista professora. Nessa ordem.

Em 2018, fiz o curso de Extensão de Educação e Cultura Afro, pelo Órgão de Educação e Relações Éticas – ODEERE, da UESB, e o de Especialização em Produção de Mídias para a Educação On-line, pela UFBA. Eles são divisores de água em minha instrução sobre letramento racial. E é envolta em toda essa amálgama que construí meu projeto para submeter ao Mestrado em Relações

Étnicas e Contemporaneidade, o qual trata de capoeira, mais precisamente do Programa Mais Educação (PME) e efeitos na capoeira de Jequié.

No ODEERE, ampliei meu olhar para as questões étnico-raciais. Na UFBA, procurei unir sempre a capoeira e o aprendizado do ODEERE sobre relações étnico-raciais. Ao final do curso de Especialização, escrevi um artigo sobre “A capoeira em Jequié”, tendo como produto de mídia um documentário homônimo que está disponibilizado na plataforma YouTube (SOUZA, 2018).

A descrição desse caminho tem o propósito de indicar o lugar de fala (RIBEIRO, 2017) desta pesquisadora, uma mulher negra, capoeirista, professora da Educação Básica.

1 VEM JOGÁ MAIS EU!

Esse capítulo é intitulado com um trecho de uma música de capoeira e tem a intencionalidade de convidar o leitor a passear por esse trabalho que se pretende um jogo de capoeira na academia.

Inicialmente, o objetivo era pesquisar por meio de entrevistas a relação capoeira e escola, tendo como participantes de pesquisa gestores e professores de escolas de Jequié. Entretanto, por força da conjuntura política, isso não se tornou possível.

Redirecionamos, então, a rota de nossa pesquisa. Esta se pautaria em uma análise do Programa Mais Educação nos anos 2000 e seus efeitos na capoeira em Jequié, agora tendo como participantes da pesquisa estudantes que foram alunos do PME no período em que esteve em vigor e seu professor de capoeira da época. Esse professor é um interlocutor de maior expressão na pesquisa, por isso seguimos sua trajetória para entender o PME. Desta forma, mantivemos a relação capoeira e escola e a centralidade do Programa, olhando contudo para outros atores menos ligados à institucionalidade da escola.

O problema da pesquisa se tornou responder à seguinte indagação: Quais os efeitos do Programa Mais Educação na capoeira e na vida dos capoeiristas de Jequié? O objetivo principal foi investigar os efeitos do Programa Mais Educação na capoeira de Jequié, percebendo como o Programa está relacionado com a trajetória dessas pessoas como capoeiristas. Além disso, refletimos capoeira, relações étnico-raciais e pensamento decolonial. Como colaboradores temos três capoeiristas, um professor e dois alunos (todos maiores de 18 anos no momento das entrevistas), mas que, quando estavam no Ensino Fundamental, participaram do Programa Mais Educação implementado em sua escola.

O professor Peruca, participante desta pesquisa, fez questão de que seu nome fosse revelado por considerar importante contar a sua história e a de sua escola de capoeira a fim de se valorizar o trabalho que desenvolveu nas escolas de Jequié há mais de 15 anos e na Escola de Capoeira Motumbá Axé desde 2018. Já os alunos serão chamados aqui por nomes fictícios para preservar suas identidades, pois no mundo da capoeira há uma volatilidade considerável entre os grupos, e os alunos podem hoje estar em um grupo e amanhã em outro. São eles:

1. Professor Peruca;

2. Caxixi Capoeira;
3. Dobrão.

É importante ressaltar que não foram entrevistadas mulheres para esta pesquisa porque no recorte não havia mulheres, a única mulher aluna de professor Peruca é esta pesquisadora, a qual não é egressa do Programa Mais Educação. Tornou-se aluna da Escola de Capoeira Motumbá Axé aos 38 anos de idade e é egressa de outro grupo de capoeira da cidade de Jequié. Houve outras duas alunas, mas elas não continuaram com a prática da capoeira.

Professor Peruca conheceu a capoeira por volta de 1994. Em 2000, matriculou-se em um projeto social chamado Jequié Esporte, que oferecia aulas de capoeira. Quatro anos depois, foi colocado na condição de ministrar as aulas de capoeira nas escolas, primeiro particulares, depois nas escolas públicas, quando foi implantado o Programa Mais Educação, em 2008. A titulação de professor é uma graduação muito alta na capoeira. O nosso participante da pesquisa só veio a ter a graduação de professor mais de 15 anos depois de já dar aulas de capoeira nas escolas e de ser chamado e reconhecido pela sociedade como professor de capoeira.

Seus alunos, que são os outros dois participantes desta pesquisa, tiveram contato com a capoeira na escola municipal em que professor Peruca dava aula de modo voluntário, recebendo uma bolsa como ajuda de custo, no PME. Após ter sido extinto o Programa, esses alunos o procuraram, impelindo-o a continuar com o trabalho de capoeira, mesmo sem o vínculo com a escola e o Estado. Ele, então, fundou a Escola de Capoeira Motumbá Axé, para atender ao pedido de seus antigos alunos, e ministra aulas em espaço próprio, no bairro do Brasil Novo, em Jequié. Ou seja, esse trabalho é uma tentativa de diálogo e história desses quatro sujeitos (eu inclusa) atravessados pela capoeira e pela escola.

1.1 Jogo de dentro, jogo de fora

A ideia do jogo de dentro e o jogo de fora da Roda de Capoeira é trazida aqui no sentido de pensarmos como a capoeira ginga com as instituições. Como já dito, a presente pesquisa tem como participantes dois alunos integrantes do Programa Mais Educação – PME. Além deles, também participa o professor que deu aulas a

eles no PME e que seguiu ministrando-lhes aulas de capoeira em um espaço próprio, mesmo depois de findo o programa na escola.

O Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial nº 17, em 24/04/2007 e pelo Decreto de n.º 7.083, de 27 de janeiro de 2010. O programa era uma estratégia do Governo Federal “para induzir a ampliação da jornada e a organização escolar”, o que se daria numa perspectiva da Educação Integral (BRASIL, 2012, p. 13). Os ministérios envolvidos em sua instituição foram: Ministérios da Educação, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Esporte e da Cultura. A iniciativa buscava instituir a formação integral dos alunos “por meio da articulação de ações, de projetos e de programas do Governo Federal” (BRASIL, 2007, Art. 1º). O tempo e o espaço educativos deveriam ser ampliados, com vistas à melhoria e ao aproveitamento escolar e, assim, também combater o trabalho infantil. O documento diz que a medida buscava a diminuição das desigualdades sociais e a “valorização da diversidade cultural brasileira” (BRASIL, 2012, p.13).

O Programa Mais Educação visa fomentar, por meio de sensibilização, incentivo e apoio, projetos ou ações de articulação de políticas sociais e implementação de ações socioeducativas oferecidas gratuitamente a crianças, adolescentes e jovens, e que considerem as seguintes orientações:

- I. contemplar a ampliação do tempo e do espaço educativo de suas redes e escolas, pautada pela noção de formação integral e emancipadora;
- II. promover a articulação, em âmbito local, entre as diversas políticas públicas que compõem o Programa e outras que atendam às mesmas finalidades;
- III. integrar as atividades ao projeto político-pedagógico das redes de ensino e escolas participantes;
- IV. promover, em parceria com os Ministérios e Secretarias Federais participantes, a capacitação de gestores locais;
- V. contribuir para a formação e o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens;
- VI. fomentar a participação das famílias e comunidades nas atividades desenvolvidas, bem como da sociedade civil, de organizações não-governamentais e esfera privada;
- VII. fomentar a geração de conhecimentos e tecnologias sociais, inclusive por meio de parceria com universidades, centros de estudos e pesquisas, dentre outros;
- VIII. desenvolver metodologias de planejamento das ações, que permitam a focalização da ação do Poder Público em territórios mais vulneráveis; e
- IX. estimular a cooperação entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios (BRASIL, 2012, p. 14).

O programa previa “promoção de formas de expressão nas linguagens artísticas, literárias e estéticas, estímulo a práticas esportivas, aproximação entre escola, famílias e comunidades” (PARENTE, 2014, p. 621). O aluno deveria

permanecer na escola ou em outros espaços educacionais por um período igual ou superior a sete horas, segundo o Decreto n.º 7083/2010.

A capoeira era prevista no PME como uma atividade do macrocampo “Cultura, artes e educação patrimonial”:

CULTURA, ARTES E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

- Artesanato Popular
 - Banda Fanfarra
 - Canto Coral
 - *Capoeira*
 - Cineclube
 - Danças
 - Desenho
 - Educação Patrimonial
 - Ensino Coletivo de Cordas
 - Escultura
 - Iniciação Musical por meio da Flauta Doce
 - Grafite
 - Hip-Hop
 - Leitura e Produção Textual
 - Mosaico
 - Percussão
 - Pintura
 - Práticas Circenses
 - Teatro
 - Tecnologias Educacionais
- (BRASIL, 2012, p. 6, grifo nosso).

O Programa Mais Educação vigorou de 2008 até 2016. Foi descontinuado na gestão Temer e deu lugar ao Novo Mais Educação, sob a alegação de que iria melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental. O argumento parece não ter sustentação, visto que o primeiro macrocampo do Documento que instituiu o PME era o de acompanhamento pedagógico, que trazia atividades dessa natureza como obrigatórias.

2.1 MACROCAMPUS E ATIVIDADES

2.1.1 ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO (Obrigatória pelo menos uma atividade)

- Ciências
 - História e Geografia
 - *Letramento/Alfabetização*
 - Línguas Estrangeiras
 - *Matemática*
 - Tecnologias Educacionais
- (BRASIL, 2012, p. 5, grifo nosso).

O Programa Novo Mais Educação foi criado pela Portaria MEC nº 1.144, em 2016, e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017. Ele foi encerrado em dezembro de

2019. Esse trabalho localiza seus estudos no Programa Mais Educação, na sua configuração original, o qual foi encerrado em 2016.

2 IÊ, A CAPOEIRA!

Iê é uma interjeição usada na capoeira para pedir silêncio e atenção. A imagem da ladainha foi utilizada aqui para pedir atenção, pois neste capítulo nos dedicaremos à tarefa de refletir sobre a capoeira.

Lançaremos mão de capoeiristas renomados que são, além de mestres de capoeira, estudiosos acadêmicos, para nos ajudar a pensar a capoeira, sua origem e desdobramentos. E isso parece se revelar como um diferencial neste estudo.

A etimologia do termo “capoeira” tem diversas versões que circulam tanto nas rodas como nos estudos acadêmicos. Eis algumas. De origem tupi, “Caa-Apuam-era” foi proposto por José de Alencar no romance *Iracema*, com a tradução de “ilha de mato já cortado”, em 1865. Outra acepção interessante é a de Macedo Soares (1880), de que teria vindo do guarani “Caapuêra”, que significa “mato que foi”, e atualmente traduzido por: “mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou”.

Segundo Mestre Xaréu¹, “atualmente, são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo Caá, ‘mato, floresta virgem’, mais puêra, pretérito nominal que quer dizer ‘o que foi, e o que não existe mais’” (CAMPOS, 2001, p. 21). Há ainda uma acepção de que a palavra seria oriunda do nome de uma ave chamada capoeira, encontrada no Brasil e no Paraguai.

Antenor Nascentes, em 1955, na *Revista Brasileira de Filologia*, explica por que o jogo da Capoeira se liga à ave. Informa que o macho da capoeira é muito ciumento e por isso trava lutas tremendas com o rival que ousa entrar em seus domínios. Concluindo que, naturalmente, os passos de destreza desta luta, as negaças, foram comparadas com os destes homens que, na luta simulada para divertimentos, lançavam mão apenas da agilidade (CAMPOS, 2001, p. 21).

Numa das muitas versões, capoeira é uma “manifestação artística e cultural popular, de matrizes africanas” (ARAÚJO, 2004, p. 8), de movimentos ricos, que revelam a diversidade de maneira ressignificada na realidade escravagista que a formatou. Em toda a trajetória da formação da sociedade brasileira, a capoeira esteve presente como um “modelo de organização da resistência dos africanos e seus descendentes [...] [em suas] condições de sub-humanidade impostas pelo

¹Mestre Xaréu é capoeirista e acadêmico e tem por nome Hélio Campos. Ele escreveu livros importantes para pensar a capoeira e sua relação com a escola e a universidade. Nessa dissertação chamaremos os capoeiristas que também se aventuraram na produção acadêmica por seus nomes na capoeira, ainda que na marcação das citações mantenhamos a ABNT. Portanto, Mestre Xaréu também é Campos.

racismo e seus subsequentes aparatos de dominação naturalizados pelo escravismo” (idem, p. 8).

Essa definição está intimamente ligada, no século XIX, a organizações de resistência, como os maltas, e foi considerada “uma das manifestações de rebeldia destas populações marginalizadas”; era tida como um “instrumento de defesa e de barganha política” (ARAÚJO, 2004, p. 8).

2.1 O fio da navalha cortou

O título que dá nome a esta seção é um trecho de uma música de capoeira. Aqui a analogia com a canção tem o propósito de abordar a cisão de uma capoeira em duas, como demonstraremos a seguir.

Nos anos 1930, iniciou-se um processo de construção de “pureza” do jogo da capoeira, intitulado Capoeira Angola (VASSALO, 2003, p. 106). Não é incomum que esse paradigma esteja tanto nas rodas de estudiosos da capoeira quanto entre os capoeiristas que jogam na roda regularmente em sua academia, principalmente nos eventos, momentos em que mestres renomados dão oficinas de capoeira, nas quais são passados tanto movimentos quanto os fundamentos de capoeira.

O período entre 1930 e 1960 é central para que possamos compreender como foi construída essa percepção de que há uma capoeira pura e de que essa pureza estaria mais relacionada à Capoeira Angola.

Não se pode deixar de assinalar que, para adentrar nos meandros que forjaram esse paradigma, é preciso levar em consideração a relação dos praticantes dessa capoeira considerada mais pura com intelectuais e representantes dos poderes públicos.

Vassalo (2003, p. 107) nos orienta a buscar “compreendê-la como uma elaboração simbólica orientada por visões de mundo e interesses específicos”, e não a tentar medir um “suposto grau de pureza da Capoeira Angola”. As discussões em torno desse tema devem levar em conta algo primordial na compreensão de qualquer embate: o contexto das narrativas. É preciso questionar o que motivou o posicionamento deste ou daquele mestre. É preciso ressaltar que, para refletir sobre capoeira e/ou Capoeira Angola, não se pode deixar de perscrutar a trajetória de mestre Pastinha, o qual todos proclamam como “guardião da capoeira tradicional” (idem, p. 107).

Em 1964, Vicente Ferreira Pastinha lançou uma obra intitulada *Capoeira Angola*, com arte de capa de Carybé e endosso de Jorge Amado, o qual diz o seguinte:

Mestre Pastinha, mestre da capoeira de Angola e da cordialidade baiana, ser de alta civilização, homem do povo com toda sua picardia, e um dos seus ilustres, um de seus obás, de seus chefes. E o primeiro em sua arte, senhor da agilidade e da coragem, da lealdade e da convivência fraternal. Em sua escola, no Pelourinho, Mestre Pastinha constrói cultura brasileira, da mais real e da melhor. Toda vez que assisto esse homem de 75 anos jogar capoeira, dançar samba, exhibir sua arte com elã de um adolescente, sinto toda a invencível força do povo da Bahia, sobrevivendo e construindo apesar da penúria infinita, da miséria, do abandono. Em si mesmo o povo encontra forças e produz sua grandeza. Símbolo e face desse povo é Mestre Pastinha (PASTINHA, 1988, p. 2).

Um forte reduto da capoeira foi o Rio de Janeiro do século XIX, o que transparece nas diversas referências a ela nos artigos de jornais e revistas locais (SOARES, 2002), como é de conhecimento de boa parte dos que se interessam pelo tema. Tal documentação é fundamental para entendermos o importante papel desempenhado pelos capoeiras da época na sociedade carioca.

A relação conflituosa dos capoeiristas desse período com a polícia é algo que salta aos olhos nos estudos sobre o tema. Entretanto, o conflito não se restringia a capoeiristas *versus* polícia, mas ocorria sobretudo entre grupos rivais dos negros entre si, que ficaram conhecidos como as maltas. Eles de fato dividiam o Rio de Janeiro em territórios rivais.

A apropriação do território era um componente fundamental dessa forma de organização, com cada malta dominando uma freguesia específica e evitando a invasão dos grupos concorrentes, considerada provocadora. Desta forma, as regiões mais centrais da cidade eram inteiramente dominadas por grupos distintos de capoeiras. Sozinhos ou em bando, eles percorriam as ruas do Rio de Janeiro munidos de facas ou outros instrumentos perfurantes, (VASSALO, 2003, p. 107).

A imagem negativa da capoeira na sociedade carioca dessa época estendia-se igualmente às atividades afro-brasileiras em geral, formando estereótipos preconceituosos e distorcidos dos capoeiras e dos negros, considerados primitivos e nocivos à sociedade.

Os negros poderiam ser presos por quaisquer motivos e eram encarados como o grande perigo da sociedade. A noção de que eram folgados, naturalmente violentos e dissimulados prevalecia entre não só os senhores de engenho, como entre a Polícia, que usava de intensa repressão para evitar levantes, rebeliões, organizações e aglomerações de negros (PIMENTEL, 2008, p. 3).

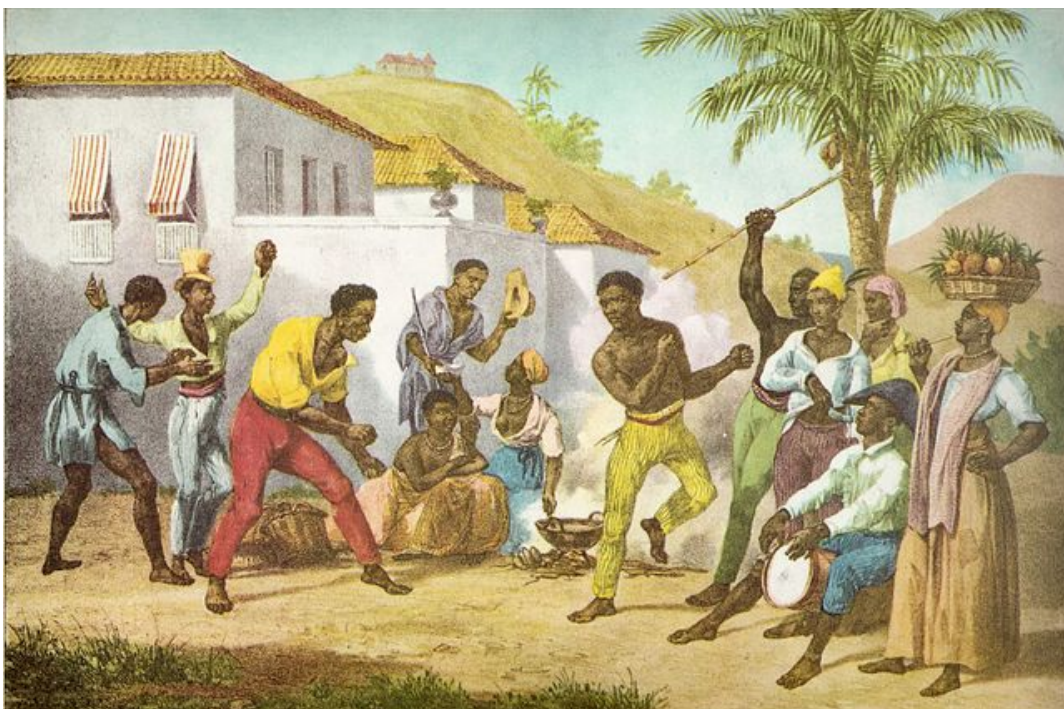
Um artigo anônimo expressa de maneira contundente a situação do negro e dos capoeiras na sociedade carioca do século XIX:

Nasceu, pois a capoeiragem de uma necessidade imperiosa de defesa humana contra o ataque desumano. Eram os exercícios de agilidade que faziam frente aos escravocratas que tentavam reaver os pobres pretos. E para incitar os ânimos formaram a lenda de que eles eram os autores de todos os latrocínios havidos e por haver, matando para roubar nas suas excursões noturnas, quando faziam o abastecimento clandestino para os seus esconderijos (SOARES, 2002, p. 43).

Soares (2002) aponta que era comum a participação de “capoeiras” no controle e na manutenção da ordem pública. Havia, portanto, uma estreita relação entre os capoeiristas e os representantes do poder.

Os capoeiristas nos anos pré e pós-proclamação da República não eram pessoas que passavam despercebidas na sociedade do Rio de Janeiro, ao contrário, tinham forte visibilidade. Ainda que retratados como uma atividade de inspiração violenta pelos veículos midiáticos, na capoeira era por vezes ressaltada uma característica que exalta e estimula a camaradagem entre os praticantes, como evoca o quadro de 1835 do pintor Johan Moritz Rugendas chamado *O jogo da capoeira ou a dança da guerra*. Na pintura, ao redor dos jogadores, é possível perceber a integração da comunidade negra entre si, o que leva também a pressupor que nem todos que estavam ali reunidos eram praticantes de capoeira, mas que esta tinha o poder de reuni-los para um momento de lazer.

Figura 1 – *O jogo da capoeira ou a dança da guerra*.



Fonte: RUGENDAS, J. M. 1835. 1,600 x 1,108. Domínio Público. Wikimedia Commons.

Cem anos após a data do quadro de Rugendas, a perspectiva vigente sobre a capoeira como uma prática de delinquentes é colocada em xeque, e o jogo da capoeira recebe outra conotação. O paradigma que ditava as regras até os anos 1930 era o da raça; agora ele é substituído pelo de cultura, que, ao mesmo tempo, do ponto de vista institucional, torna-se um símbolo político de unificação do país, o qual busca se consolidar como um Estado republicano.

A mestiçagem (MUNANGA, 1999), antes vista como um fator negativo e causa das desgraças do país, agora era motivo de orgulho, assim como a cultura popular de um modo geral. Essa imagem de Brasil, vendida pela elite política e intelectual do país, corresponde a um período de ressignificação dos símbolos nacionais que passa a valorizar a cultura e o folclore como identificadores da brasilidade perante o mundo.

Esse é o pano de fundo que dá contorno aos estudos sobre o folclore, e, entre os anos de 1940 e 1960, culmina com o Movimento Folclórico Brasileiro (VILHENA, 1997 *apud* VASSALO, 2003). É a partir desse paradigma culturalista que surgem as designações de *pureza* ou de *degradação* para se referir às manifestações culturais, sendo consideradas expressões da brasilidade aquelas que não tivessem perdido a essência. Por outro lado, aquelas manifestações culturais “corrompidas” pelo processo de sincretismo, de urbanização e de industrialização eram vistas de soslaio.

Nesse sentido, o Nordeste foi eleito o lugar em que essa modernização menos se consolidou e em que expressões populares eram encontradas em profusão, cenário ideal para fornecer subsídio para os antropólogos e folcloristas de então. É desse período o acirramento da polarização das identidades regionais, segundo Albuquerque Junior (2011),

o Nordeste nasce da ruína da antiga organização geográfica do Brasil que dividia o país em dois polos: norte e sul. A modernidade das usinas, linhas telegráficas e estradas férreas que compunham, na década de 1920, a paisagem de Recife, por exemplo, é exatamente o indicativo de que o antigo norte, guardado nas gavetas da memória, cedera lugar a uma nova espacialidade: o Nordeste, que é então inventado para dar conta da nova dinâmica trazida pela modernização (PRATES, 2022, p. 32).

A partir de então, temos uma visão dicotômica, em que o Nordeste se torna símbolo de tradição, e o Sudeste, de modernidade (DANTAS, 1988 *apud* VASSALO, 2003).

A capoeira está, é claro, inserida no bojo de toda essa construção sociopolítica. O eixo dos interesses na capoeira se desloca do Rio de Janeiro para o Nordeste, mais especificamente para a Bahia, que passa então a ser considerada o local em que a capoeira é mais pura. A capoeira de luta praticada no Rio do século XIX, vista agora como descaracterizada, vai aos poucos sendo apagada da memória nacional. A capoeira baiana do século XX, considerada, esta sim, autêntica, ao ser considerada no âmbito do folclore, vai sofrendo um processo de pacificação, sendo assim descrita como um “grande cerimonial, tal como o que ocorre com o candomblé” (VASSALO, 2003, p. 109).

Para Vassalo, é nesse contexto que a capoeira começa a ser vista como uma “brincadeira”. Conforme a autora menciona, Édison Carneiro, próximo do Partido Comunista e célebre folclorista, argumenta que a cultura negra é parte fundamental na formação da identidade brasileira. É provável que esse seja o motivo de haver essa obsessão por uma capoeira pura, a qual deveria embasar as pesquisas sobre o tema. Da mesma linha é o famoso escritor Jorge Amado, exemplo clássico do que seria o intelectual orgânico que busca ter laços estreitos com representantes da cultura popular, o que incluía os capoeiristas.

O caráter lúdico e o aspecto de natureza pacífica não violento da capoeira começam a ser ressaltados. Segundo Carneiro (1950, p. 68), a capoeira “é, mais do que uma arma de luta individual, uma brincadeira coletiva”. “Os capoeiras da Bahia denominam o seu jogo de vadiação [...]. Os jogadores se divertem fingindo lutar” (CARNEIRO, 1975, p. 9). Todo esse esforço na mudança de paradigma no tocante à capoeira tinha o propósito de distanciá-la ao máximo da luta carioca protagonizada pelas maltas. Carneiro aponta que essa capoeira rechaçada pela elite carioca e tachada de violenta chegou a ser vista no Recife um tempo depois, porém não houve espaço para ela na Bahia. Esse autor compara a capoeira praticada na Bahia com um divertimento, com uma “competição amistosa, [que] está mais próxima de suas raízes” (1950 *apud* VASSALO, 2003).

Essa característica da capoeira baiana de “diversão entre amigos”, de “competição amistosa”, a faz figurar no posto da que possui maior pureza, ou da que está mais próxima da essência. O folclorista Édison Carneiro é quem parece consolidar a pecha de pureza da capoeira baiana. Em seus estudos, ao tentar elencar os tipos de capoeira, ele declara:

Há várias espécies de capoeira: a) de Angola; b) Angolinha (variação da primeira); c) São Bento Grande; d) São Bento Pequeno; e) Jogo de dentro; f) Jogo de fora; g) Santa Maria; h) Conceição da Praia; i) Assalva (salva, saudação); j) Senhor do Bonfim. Todas estas espécies se distinguem por variações sutis, às vezes pela maneira de tocar o berimbau, coisa que só mesmo os capoeiristas decifram (CARNEIRO, 1937, p.149).

Suas ponderações, no entanto, são fruto de questionamentos, visto que a designação do item c, São Bento Grande, não se trata de uma espécie de capoeira, mas de um toque de berimbau, por exemplo. Para além das conjecturas, o que é relevante é que os apontamentos de Carneiro provavelmente foram o esteio para a expressão “Capoeira d’Angola” e sua respectiva consolidação como a mais autêntica, ainda que os critérios por ele utilizados não fiquem claros nem no artigo citado nem em artigos posteriores.

Vassalo (2003) sugere que, independentemente de ter sido criada por Carneiro ou não, o fato é que a veiculação da expressão pelo autor provavelmente a consolidou. Com o surgimento da Regional na década de 1930, houve uma oposição entre duas espécies de capoeira, em que a Regional era considerada híbrida, moderna e descaracterizada. Deu-se, assim, uma cisão entre as duas capoeiras, sendo a Angola considerada pura e a Regional, impura. Um fato digno de nota é que, em 1937, é organizado o Segundo Congresso Afro-brasileiro, tendo como organizadores Jorge Amado e Édison Carneiro, na capital baiana. Estes estabelecem contato para o evento somente com os capoeiristas da Capoeira Angola, e os da Capoeira Regional são deixados de lado (PIRES, 2001 *apud* VASSALO, 2003).

Essa capoeira lúdica, superior e de Angola teria conservado no Brasil as atividades do continente africano, de modo a se impor como superior por ser tanto baiana quanto lúdica, fazendo referência ao folclore e às tradições africanas. Ela teria saído das ruas do Rio de Janeiro devido à repressão policial para chegar à Bahia transformada, nas palavras de Bastide (1996), “num balé de luzes, reviravoltas e outros passos acrobáticos” (*apud* VASSALO, 2003, p. 11). Dessa forma, a Capoeira Angola se solidifica nesse lugar de elaboração de identidades e de construir relações de poder entre os jogadores de capoeira de todos os matizes.

É assim que a modalidade considerada mais autêntica começa a ser referência para criar outros critérios de hierarquização dentro da capoeira, em que essa forma mais “pura” seria a capoeira primitiva, utilizada como instrumento de

defesa pelos escravizados. Esse foi o caminho que criou a ideia de que a Capoeira Angola se refere à capoeira praticada no passado.

É na esteira da construção desse imaginário que surge a figura mais imponente da Capoeira Angola: Mestre Pastinha. Nascido Vicente Ferreira Pastinha, é a ele que se atribui a modernização da capoeira, por ele ser considerado o guardião da capoeira tradicional. Ele veio ao mundo um ano após a abolição da escravatura no Brasil, na cidade de Salvador. O pai era de origem portuguesa ou espanhola, mas a mãe era negra, por isso ele se descrevia também como negro ou mulato. Era uma família de condição humilde.

Mestre Pastinha aprendeu capoeira ainda menino com um africano de nome Benedito para se defender de outro garoto que batia nele (VASSALO, 2003, p. 113). Depois de se defender de seu rival com os movimentos de capoeira, seu primeiro intento, Mestre Pastinha ingressou na Escola de Aprendizes de Marinheiro aos 12 anos e mais tarde entrou para a Marinha, lugar em que permaneceu até os 20 anos. Foi então que aprendeu outras lutas, como a esgrima, o florete e também a ginástica sueca. Ele ensinava aos colegas da Marinha a capoeira, essa luta das camadas populares.

Foi no processo de construção da capoeira como forte símbolo da identidade nacional que teve início a Capoeira Regional, formatada por Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, a partir do que ele chamou de Luta Regional Baiana. Hoje os praticantes de capoeira chegam aos milhões no Brasil e aos milhares no exterior.² Os que mantiveram o estilo anterior a esse fenômeno, considerado tradicional, ainda que sofressem algumas mudanças também, foram chamados de angoleiros, ou seja, praticavam a Capoeira Angola. Sendo assim, antes da Capoeira Regional, essa manifestação cultural era denominada apenas capoeira, e, durante a Era Vargas, ela passa a ser dividida em Capoeira Angola e Capoeira Regional, de maneira a marcar os estilos distintos, mas de uma mesma raiz.

A Capoeira Angola é jogada com roupas de cor e nas graduações dos estágios não são utilizadas cordas, cordões ou cordéis. Esses acessórios indicativos de graduação são usados na capoeira contemporânea, devendo-se utilizá-los em uniforme branco. O sistema de graduações por meio de cordões varia levemente de

²Dados divulgados pela organização do Congresso Nacional de Capoeira realizado em São Paulo entre 15 e 17 de agosto de 2003, organizado com o apoio do Ministério dos Esportes e Turismo (ARAÚJO, 2004, p. 1).

grupo para grupo. Vejamos como exemplo o sistema de graduação utilizado por Mestre Didi na Associação de Capoeira Energia da Terra:

1. Verde claro: 1º estágio
2. Verde escuro: 2º estágio
3. Verde e amarelo claro: 1º estágio
4. Verde e amarelo escuro: 2º estágio
5. Amarelo claro (Monitor): 1º estágio
6. Amarelo escuro (Monitor): 2º estágio
7. Amarelo e azul claro (Instrutor): 1º estágio
8. Amarelo e azul escuro (Instrutor): 2º estágio
9. Azul claro (Aluno Formado): 1º estágio
10. Azul escuro (Aluno Formado): 2º estágio
11. Verde, amarelo e azul (Professor): 1º estágio
12. Verde, amarelo, azul e branco (Professor Formado): 2º estágio
13. Branco e verde (Contramestre): 1º grau
14. Branco e amarelo (Contramestre): 2º grau
15. Branco e azul (Contramestre): 3º grau
16. Branco: Mestre

Na Capoeira Regional originalmente não se utilizavam cordões ou cordéis na cintura para indicar a graduação do capoeirista, mas lenços de seda no pescoço, a fim de também servir de proteção da possibilidade de uma navalhada.

Em qualquer dos estilos, a capoeira é um elemento importante da cultura popular brasileira.

Em média, um capoeirista é levado a mestre após mais de 20 anos de prática e ensino dessa arte. Geralmente, primeiro a pessoa é reconhecida como mestre pela própria comunidade, que começa a chamá-lo com essa designação por reconhecimento de seu trabalho com capoeira. E esse é o caso de Mestre Xaréu. Em suas observações, ele aponta ter observado ao longo de mais de 20 anos de prática de capoeira o quanto essa atividade é importante para o ser humano em sua formação global, visto que é através dos movimentos que se desenvolve o “interesse pelas artes e pela cultura, proporcionando ainda uma mudança de comportamento pelas múltiplas experiências vivenciadas” (CAMPOS, 2001, p. 19).

Aluno de Mestre Bimba, Mestre Xaréu ministrou aulas de capoeira dentro do Programa de Educação Física no Colégio Estadual Manoel Devoto em Salvador

(CAMPOS, 2001) e ratifica os resultados positivos dessa prática na escola. Em sua experiência, ele reconhece que o trabalho de capoeira na escola não é tarefa fácil, visto que faltam materiais para as atividades, mas considera que, ainda assim, e por isso mesmo, a ideia de incluir a capoeira na escola deve ser fortalecida.

Capoeira, numa de suas múltiplas acepções, é uma arte, uma dança, uma luta e, sobretudo, uma filosofia de vida, que, numa das versões sobre sua origem, teria vindo para o Brasil junto com os africanos e africanas que foram arrancados de seus territórios e escravizados em solo brasileiro. Há outra versão de que ela teria sido uma invenção dos africanos escravizados e de seus descendentes afro-brasileiros. Mestre Xaréu assegura que essa última versão teria maior respaldo se os documentos históricos que a corroboram não tivessem sido queimados pelo Conselheiro Ruy Barbosa, quando Ministro da Fazenda do Governo Deodoro da Fonseca. Ele mandou queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, sob a alegação de que se tratava de uma mancha que deveria ser apagada. A sua resolução foi de 15 de novembro de 1890 (CAMPOS, 2001).

Em *Capoeira Angola*, encontramos a seguinte afirmação:

[...] tudo nos leva a crer que seja a capoeira uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogos constantes com os capoeiristas atuais e antigos que ainda vivem na Bahia (RÊGO, 1968 *apud* CAMPOS, 2001, p. 21).

Mestre Xaréu defende que a capoeira é genuinamente brasileira, porque, segundo ele, “pesquisadores que estiveram na África, principalmente em Angola, jamais encontraram vestígio algum de uma luta parecida com a nossa capoeira” (CAMPOS, 2001, p. 22).

Carlos Eugênio Líbano Soares, ao tratar de capoeira e de outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro de 1808-1850, traz essa discussão em seu livro intitulado *A capoeira escrava*. É importante frisar que a obra ostenta essa alcunha não para “definir uma prática cultural excludente de negros libertos ou livres”, segundo o autor, mas para apontar uma “tradição rebelde que tinha fortes raízes escravas, as quais davam seu recorte, e ‘seduzia’ aqueles de outra condição social e jurídica, por sua maneabilidade e resistência” (2004, p. 25). Um fator importante trazido na pesquisa de Soares é que “a capoeira informa das transformações étnicas e culturais que envolveram escravos e libertos, africanos e crioulos, na cidade colonial, na passagem para a metrópole imperial” (2004, p. 26).

Assim, o autor apresenta a versão de Plácido de Abreu sobre a origem da capoeira:

É um trabalho difícil estudar a capoeiragem desde a primitiva, porque não é conhecida sua origem. Uns atribuem-na aos pretos africanos, o que julgo um erro, pelo simples fato que na África não é conhecida nossa capoeiragem, e *sim algumas sortes de cabeça* (1886 *apud* SOARES, 2004, p. 40, grifo do autor).

Dez anos depois, Pires de Almeida dava sua versão de que o jogo da capoeira, inquestionavelmente, teve origem nas “danças guerreiras de tribos africanas”, como demonstram bem “a tradição conservada pelas estampas de insuspeitos viajantes que aqui tivemos” (SOARES, 2004, p. 40). Já Hermeto Lima afirmara, baseado no que ele chama de “os melhores cronistas”, que a capoeiragem surgira em 1770, e que um tenente de nome João Moreira teria sido o primeiro capoeira. Este teria sido um homem “rixento”, apelidado pelo povo de “amotinado”. Segundo sua versão, os negros escravizados viram como João Moreira se defendia quando atacado por 4 ou 5 homens e “aprenderam seus movimentos, aperfeiçoando-os e desdobrando-os em outros e dando a cada um seu nome próprio” (SOARES, 2004, p. 41).

Vinte e cinco anos depois da afirmação que fizera, Lima retrocedeu em suas ponderações e concluiu que o “misterioso amotinado” não teria sido o criador da arte da capoeiragem, mas que este se tratava de um simples aprendiz dos meneios dos escravizados da cidade. Lima argui então que o amotinado possivelmente fora buscar entre os africanos escravizados a capoeiragem, utilizadas por eles como “*esporte, como hoje se usa o boxe*” (SOARES, 2004, p. 41, grifo do autor). Ele toma a gravura de Rugendas para se alinhar aos defensores da versão de que a origem da capoeira é africana.

Por outro lado, dois renomados mestres capoeiristas, Assunção e Mansa, apresentam sua perspectiva sobre a origem controversa da capoeira: Eles arguem:

A origem da capoeira sempre foi controvertida. Mestre Pastinha (1889-1981), um dos mais famosos capoeiristas da Bahia, durante muito tempo pensou que a ginga que aprendera desde criança provinha de uma mistura de batuque angolano e do candomblé dos jejes, africanos da Costa da Mina, com a dança dos caboclos da Bahia. Porém, por falta de mais conhecimentos, não podia ir além dessa informação. Isso até a década de 1980. Foi quando uma revelação mudou completamente suas ideias sobre a origem da capoeira. À frente de sua academia, situada no Pelourinho, em Salvador, Pastinha recebeu a visita de um pintor vindo de Angola. Chamava-se Albano Neves e Souza que afirmava que tinha visto uma dança semelhante ao tipo de capoeira que o

mestre baiano ensinava. Só que lá se chamava *n'golo* (ASSUNÇÃO; MANSA, 2008, p. 14).

N'golo significa zebra, pois seus movimentos e golpes se parecem com o coice desse animal (idem, 2008, p. 17). Além disso, no documentário *A capoeira em Jequié* (SOUZA, 2018), o Professor Peruca depõe que os padres jesuítas relataram em suas cartas que "os índios faziam uma arte lúdica parecida com capoeira, que eram aquelas danças de guerra, com movimentos em círculo". Ele disse ainda:

A gente vê que os elementos indígenas estão presentes na capoeira, o berimbau... o berimbau tem elementos indígenas: a cabaça, o caxixi... O berimbau da África era um berimbau de boca, era só um arco com um cipó. Quando veio para o Brasil, ele se transformou e virou esse berimbau de hoje que a gente utiliza na roda, que é o berimbau de barriga (PROFESSOR PERUCA *apud* SOUZA, 2018).

Com mais de 20 anos de prática e ensino de capoeira na cidade de Jequié, Bahia, o Professor Peruca ensina onde quer que vá que "a capoeira veio grávida da África, e nasceu aqui no Brasil". Analisando as diversas perspectivas, parece-me que a versão mais assertiva sobre a origem da capoeira é que ela é africana: veio grávida de África, foi gestada no Atlântico e aqui recebeu as influências indígenas.

O que é importante salientar é que, embora haja diversas versões para a possível origem da capoeira, assim como para a etimologia do conceito, e não queiramos dar uma palavra final sobre esses modos de conceber uma história, mas apenas jogar e gingar com elas, vale a pena destacar algo que todas elas revelam: a capoeira está intimamente relacionada às populações negras e, também, para alguns, aos povos indígenas. Isso coloca a capoeira como um saber essencialmente antirracista e decolonial, uma vez que traz a perspectiva da cultura do colonizado, valorizando-a sobremaneira e validando-a numa sociedade estruturalmente racista (ALMEIDA, 2020).

2.2 Negaças

Negaça é um movimento ou comportamento próprio da capoeira utilizado para atrair ou provocar alguém. Faz-se aqui uma analogia com esse movimento e o que aconteceu na capoeira.

Após sofrer dura repressão durante o Império e a República Velha, ter sido criminalizada no Código Penal de 1890 e ser liberada em 1934, a capoeira passa a

ser incorporada pelo Estado Novo como símbolo da identidade nacional que a elite brasileira tanto buscava. De modo que, em 1954, Getúlio Vargas chegou a considerá-la um esporte verdadeiramente nacional (BREDA, 2010). A esportização dos passatempos foi uma tendência europeia da época, usada para reconstruir o cenário estabelecido pelas manifestações corporais no Brasil no início do século XX.

Nesse momento, a capoeira, que estava associada a uma prática de vadios e marginais, passou a vivenciar uma mudança importante no comportamento de seus praticantes. E o responsável por isso é Mestre Bimba, que criou um método próprio de ensino da capoeira, diferenciando-a da “capoeira escrava”. Tal metodologia incluía a criação de apelidos para os alunos, aplicação de um exame admissional, desenvolvimento de novos toques de berimbau, os quais deixaram o jogo mais dinâmico e os movimentos mais rápidos, o que caracterizava a prática como de defesa pessoal.

A sistematização e a inserção social da capoeira no contexto da educação popular baiana possibilitaram a sua descriminalização. Ela perderia, por meio dos trabalhos desenvolvidos pelo Mestre Bimba e outros mestres do Estado, a alcunha de refúgio de valentões e transformar-se-ia em ginástica brasileira (LUCENA; TRIGUEIRO, 2018, p. 96).

É importante observar que tais mudanças na prática da capoeira faziam parte de uma invenção criativa política que apresentava o ajuste necessário para aproximá-la dos esportes ocidentais branqueados.

A capoeira assumiria, na tentativa de livrar-se da opressão e perseguição a ela impetrada pelos dirigentes políticos, o comportamento semelhante ao apresentado por outras manifestações esportivas introduzidas no Brasil no final do século XIX, como o futebol, o turfe e o remo, que já denotavam uma transformação global em seus códigos de conduta e de sensibilidade à violência (LUCENA; TRIGUEIRO, 2018, p. 98).

É a partir desse histórico da capoeira que buscaremos discutir a relação capoeira e escola. Na contemporaneidade, a Lei 10.645 de 2003³ é uma das políticas afirmativas para a promoção da igualdade racial que inauguraram um novo tempo na última década. Ela traz para o embate diversas questões ligadas ao racismo e ao preconceito, heranças do colonialismo. A referida lei textualmente traz o seguinte:

³ A Lei 10.639/2003 foi atualizada em 2008 pela Lei 11.645, a qual “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena’” (BRASIL, 2008).

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

A promulgação de leis como essa, as quais podemos chamar de leis decoloniais, não se situa em sua data de publicação; elas vêm sendo estruturadas pelo movimento negro, de diversos matizes, atuante e incansável desde muito tempo (RIBEIRO, 2014).

O professor-pesquisador Mestre Ferradura⁴, estudioso sobre capoeira e educação, assegura que, em tempos de globalização, que orientam a uma cultura hegemônica, o consumismo e o individualismo vêm se apresentando como únicas alternativas à falta de referências (BREDA, 2010). Em vista disso, educadores populares brasileiros desenvolvem projetos que têm como foco uma educação pluriétnica que busca afirmar de forma positiva as diferenças e fortalecer a autoestima dos educandos das mais diferentes etnias.

Em seu artigo “A capoeira como prática educativa transformadora”, Mestre Ferradura, ao refletir sobre tal questão, pondera que aos educadores faltam os subsídios para o entendimento dos modos de vida pré-colonial. Algo tão caro para a formação do professor brasileiro também seria o entendimento da dimensão histórico-social da escravidão. É importante que os educadores populares e universitários dominem os conteúdos que tratam dessas questões, de maneira a combater o ensino que nega e distorce a história.

A capoeira, hoje reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas, sofreu um processo de transformação de suas práticas. É inegável que a capoeira é uma atividade física diferenciada das demais; o modo como ela cuida da formação integral do aluno representa uma grande oportunidade de abordagem das questões étnico-raciais brasileiras. Além disso, para Mestre Xaréu, ela atua direta e indiretamente “sobre todos os aspectos, cognitivo, afetivo e motor” (CAMPOS, 2001, p. 23). O aluno, para esse autor, poderá

⁴Onri Ferradura Breda é um capoeirista pedagogo, conhecido na capoeiragem como Mestre Ferradura. É especialista em capoeira na educação infantil.

através de sua prática ordenada escolher atuar em quaisquer das linhas de capoeira com a qual se identificar: seja na capoeira como luta, como arte, como cultura ou como esporte.

A capoeira luta é um instrumento de defesa pessoal. Os mestres e professores de capoeira a ensinam com o objetivo de combater e de se defender, como uma arte marcial. Ela pode também ser adotada como arte e dança, com musicalidade, canto, expressão corporal e rítmica, com criatividade de movimentos. Mestre Xaréu ainda a associa às artes plásticas, literárias e cênicas nessa modalidade. “Na dança, as aulas deverão ser dirigidas no sentido de aproveitar os movimentos da capoeira, desenvolvendo flexibilidade, agilidade, destreza, equilíbrio e coordenação em busca da coreografia e satisfação pessoal” (id., *ibid.*, p. 25). A capoeira que enfatiza a face mais cultural destaca sua característica de ser uma cultura popular brasileira pujante, que deve ser preservada e fortalecida, de modo que promova a participação dos alunos tanto na parte prática como teórica.

A capoeira também é hoje uma modalidade desportiva. Mestre Bimba encontrou em sua “mandinga” uma arma para dialogar com as elites e autoridades do início do século XX. O criador da Luta Regional Baiana modificou os códigos de conduta da capoeira, ressignificando-a, de maneira a modificar a percepção que a sociedade da época tinha sobre a capoeira. Como já dito, Mestre Bimba fez um trabalho de transformar a imagem da capoeira, que era tida como uma manifestação corporal violenta e criminalizada e passou a ser considerada “ginástica brasileira pelos círculos intelectuais e governantes do seu tempo” (LUCENA; TRIGUEIRO, 2018, p. 90).

Essa transformação da leitura sobre a capoeira possibilitou que ela adentrasse os espaços escolares. Como prática pedagógica, além de trabalhar a formação integral do aluno, como já foi mencionado anteriormente, “desenvolve o físico, o caráter, a personalidade e influencia nas mudanças de comportamento”. Mestre Xaréu afirma que a capoeira proporciona ao aluno “autoconhecimento e análise crítica das suas potencialidades” (CAMPOS, 2001, p. 25).

Rosângela Costa Araújo, Doutora em Educação pela USP, conhecida no mundo da capoeira como Mestra Janja, amplia esse debate e coloca a capoeira como elemento importante na formação da sociedade brasileira, que a autora chama de a Grande Roda. Para além de um jogo corporal, a capoeira seria um jogo político de resistência cultural e da memória dos povos negros no Brasil, sem, no entanto,

deixar de sublinhar sua presença para além das fronteiras nacionais. Mestre Janja tratou em seu trabalho e em sua trajetória da Capoeira Angola da escola pastiniana. E, tendo esse aspecto em perspectiva, ela viu a capoeira no campo da educação como “um sistema cultural complexo, aberto a alteridade e promotor de ações educativas voltadas à formação e fortalecimento da identidade comunitária, formadora também da autorrepresentação” (ARAÚJO, 2004, p. 135).

Mestra Janja demonstrou que organizações angoleiras possuem ações de combate ao racismo que chegam a reverter estereótipos negativos sobre a cultura negra, apresentando uma “práxis educativa engajada nas reflexões sobre a sociedade mais ampla” (ARAÚJO, 2001, p. 136). A base dos ensinamentos da capoeira são os seus fundamentos, são eles que dão sustentação às decisões dentro do jogo. É preciso que se tome o termo “jogo” numa concepção mais ampla. O jogo da capoeira tem uma ética própria, em que a ginga, mola propulsora desse jogo, transpõe a história que o corpo do capoeirista traz e negocia ou não na Pequena e na Grande Roda.

A capoeira de um modo geral tem a característica da celebração por estar entre os camaradas, o que os afirma como sujeitos de uma coletividade que possui desafios cotidianos dentro de uma sociedade estruturada no racismo e que insiste em atrelar o povo negro ao repugnante advento da escravidão, como se não houvera uma intelectualidade negra que suplanta toda essa retórica execrável. Quando o capoeirista se entrega ao jogo da capoeira, ele fica absorto, alheio às regras da vida fora daquele ato ritualístico, as quais perdem a validade, como se um invólucro mágico estivesse disposto ali. Assim, ele se reenergiza com o axé da Roda para resistir na sociedade eminentemente racista em que está inserido.

3 CHAMADA DE ANGOLA

O título dessa seção é uma alusão a um procedimento num jogo de capoeira Angola. A chamada de Angola pode ser, entre outras coisas, um momento de descanso de jogo, ou mesmo um momento para tentar, em situação de desvantagem, desconcentrar o outro jogador de capoeira e ainda conseguir o "golpe" do empate ou vantagem, pois a chamada é também uma armadilha, uma arapuca, um segredo, uma mandinga.

Esse trabalho foi realizado no município de Jequié. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que busca considerar a trajetória de cada participante. O contato com os entrevistados se deu a partir de uma visita em seu espaço de treino, que abriga a Escola de Capoeira, Motumbá Axé, no Brasil Novo, em Jequié, Bahia. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada não diretiva, numa situação que provoca simultaneamente espontaneidade e constrangimento (BARDIN, 2011), em que foi elaborado um Roteiro de Entrevista (veja íntegra das entrevistas nos Anexos 1, 2 e 3), contendo questões que possibilitaram chegar à compreensão da experiência dos participantes com a capoeira no espaço escolar e fora dela.

Três entrevistas formam o *corpus* desta pesquisa. A entrevista do Apêndice A tem como participante de pesquisa um professor de capoeira, conhecido no mundo da capoeira como professor Peruca. A entrevista do Apêndice B tem como participante de pesquisa um aluno de professor Peruca, e o chamaremos aqui de Caxixi Capoeira. Dobrão, também aluno de Professor Peruca, é o entrevistado da entrevista do Apêndice C.

Professor Peruca autorizou que sua identidade fosse revelada, mas as identidades dos seus alunos participantes da pesquisa foram ocultadas, de modo a resguardá-los, para isso escolhemos nomes fictícios que fossem do universo da capoeira. Caxixi é originalmente um instrumento musical da bateria da roda de capoeira. Dobrão é um instrumento do berimbau, utilizado para tirar o som; usualmente é feito de uma moeda, de preferência antiga, ou de uma pedra de liso, com formato específico.

A presente análise perpassou três etapas propostas por Badin (2011), quais sejam: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Será utilizada a técnica da enunciação para interpretação

dos dados, em que cada entrevista é estudada por si mesma como uma totalidade organizada e singular.

Tabela 1 – Perfil dos capoeiristas entrevistados em Jequié entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023. N (3)

Características	Frequência (N)
Sexo	
Feminino	0
Masculino	3
Idade	
Entrevistado 1	35
Entrevistado 2	19
Entrevistado 3	23
Raça/cor	
Preto	1
Afroindígena	1
Cor afro ⁵	1
Religião	
De matriz africana	1
Evangélico	1

⁵Cor denominada pelo próprio participante da pesquisa.

Sem religião	1
Escolaridade	
Médio incompleto	2
Superior incompleto	1
Graduação/titulação	
Professor/corda de trançado de 4 cores	1
Aluno/segunda corda	1
Aluno/corda verde e cinza (infantil)	1

3.1 Chamaê, chamá

O trecho de uma canção de capoeira que dá título a essa seção busca introduzir a análise dos dados da pesquisa produzidas a partir dos participantes da pesquisa, como na canção nós os chamamos ao texto, à nossa “Roda”. Adauto é um homem jovem de 35 anos que, quando perguntado sobre seu nome, ele o diz de maneira segura e firme. Com a mesma segurança profere seu apelido recebido pela comunidade da capoeira: Professor Peruca; ele se autodenomina afroindígena. Atualmente está em vias de concluir o Ensino Superior em Educação Física. Professa que sua religião é de origem africana.

Ele nasceu no Baixão, distrito de Jequié que fica no acesso a Lafaiete Coutinho, na BR 116. Ele afirma que sua infância era “diferente dos meninos de hoje”, pois não havia internet, só tinha televisão, e a criançada vivia brincando na rua, na areia, correndo. Segundo o professor, nesse tempo havia uma liberdade que hoje os meninos não têm.

Educador popular, buscando se consolidar nos estudos universitários, Professor Peruca inicia o relato sobre sua trajetória na capoeira da seguinte maneira:

Eu comecei a capoeira em um projeto social, né?, em Jequié. Mas o meu primeiro contato com a capoeira foi visualmente; eu vi a capoeira, um vizinho praticando no quintal em casa, e aí eu me encantei pela capoeira. Isso era em 94, 95 por aí. Eu só fui praticar a capoeira em 2000.

A partir do que foi colocado no parágrafo anterior, podemos inferir que o contato com a capoeira, mesmo que de forma fortuita, parece ser determinante para que um adepto crie em seu coração o desejo de praticá-la. Revela-se importante a prática da capoeira em lugares públicos, escolares ou praças, porque, como diz o entrevistado em questão: “a capoeira tem essa questão de olhar e aprender”. Não somente em lugares públicos, mas também é de grande valor o papel de iniciativas como projetos sociais e parcerias com escolas. Afinal, é dessas relações que essa capoeira surge ou se mantém em Jequié.

O filme *Esporte Sangrento*⁶ também teve um papel importante na formação do professor Peruca. Ele afirma que o referido filme motivou muita gente a praticar capoeira em sua época (anos 2000, como mencionado na entrevista do Apêndice A). Ele finalmente foi ter aulas regulares com um professor de capoeira que dava aulas na Escola Estadual Luiz Viana Filho de maneira voluntária, e seguiu por alguns anos aprendendo capoeira com esse professor.

O professor Peruca, depois de cerca de quatro anos de capoeira, foi designado por seu professor a dar aulas em escolas particulares de Jequié. Ele era ainda uma espécie de Monitor, uma graduação em que o Mestre ou Professor de capoeira enxerga no aluno um professor em potencial. No início dos anos 2000, em Jequié, há indícios de que eram bastante requisitadas as aulas de capoeira nas escolas, ao menos na rede particular.

Peruca menciona que seu professor de capoeira deixou de dar aula na escola pública e passou a fazer as atividades numa academia. Isso porque seu *Mestre*⁷ “adentrou a Educação Física e chamou vários alunos para poder participar da questão acadêmica”, sob a justificativa de que eles poderiam crescer muito com a capoeira. Peruca arremata: “E a gente cresceu realmente” (Apêndice A).

Por influência de seu *Mestre*, Peruca conta que eles foram fazer um curso de extensão universitária promovido pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas

⁶Filme americano em que o protagonista é um ex-soldado e mestre de capoeira. Ele se compromete a ensinar disciplina por meio da capoeira aos alunos de seu antigo colégio em Miami.

⁷Sempre grafaremos em itálico a referência a esse mestre específico, pois ele não tem a graduação na capoeira de Mestre, mas tem o reconhecimento coletivo como tal.

(ODEERE), vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Assim, ele conta sobre a experiência: “E aí a gente foi fazer o Curso de Extensão do ODEERE. E a gente conseguiu entender que a capoeira não é só jogo, tem toda uma questão aí acadêmica importante para a capoeira trabalhar” (Apêndice A).

Até então não fora exigida formação específica para professor Peruca ministrar as aulas de capoeira nas escolas, nem nas particulares, nem nas públicas. No entanto, talvez pelo que aprendera com seu *Mestre* e com o curso de Extensão da UESB, professor Peruca inicia o curso de Educação Física numa Universidade; todavia, até a data da entrevista ainda não o havia concluído.

Ele ministrava não somente aula de capoeira, mas também puxada de rede e maculelê, essas duas últimas manifestações artísticas como parte da cultura da capoeira.

Professor Peruca testemunha que, quando entrou no Programa Mais Educação, não foi exigida formação universitária, mas que, quando estava perto de acabar o programa, quando Michel Temer assumiu o Governo Federal, “botaram que só ia ficar professor que estivesse estudando Educação Física” (Apêndice A).

O entrevistado afirma ter assinado um contrato de voluntário no Programa Mais Educação, assim como fizeram os professores de outros segmentos, como judô, fanfarra, dança etc. E, para isso, recebiam uma ajuda de custo no valor de R\$ 400,00.

No final de 2016, o Programa Mais Educação deixou de vigorar, mas professor Peruca continuou com o vínculo com as escolas, não ministrando as aulas, e sim oferecendo apresentações de capoeira. Os alunos das escolas em que dava aulas foram até sua casa no Brasil Novo tentar persuadi-lo a dar-lhes aulas de capoeira. Professor Peruca então abriu as portas de um espaço que tem anexo a sua casa e fundou um grupo de capoeira próprio. Os alunos das escolas de Ensino Fundamental de Jequié se tornaram, assim, seus primeiros alunos, no que agora é sua Escola de Capoeira Motumbá Axé, em Jequié-Bahia. Professor Peruca nos ensina o significado do termo “Motumbá Axé”:

Grupo de Capoeira Motumbá Axé, palavra africana, em iorubá, que significa “Deus nos abençoe”. É uma palavra utilizada na religião de matriz africana, onde o pessoal chega e cumprimenta o irmão: “Motumbá, meu irmão”, e o irmão responde: “Motumbá axé”. Então essa palavra “motumbá axé” é utilizada na religião de matriz africana, o candomblé (Apêndice A).

Professor Peruca só parou a capoeira na pandemia da Covid-19, e, por conta de seu trabalho já consolidado, foi contemplado pela Lei Aldir Blanc e recebeu recurso federal para manter a si e a seu projeto social. Ele admite ter conhecido as Leis 10639/2003 e 11645/2008 no curso de Extensão do ODEERE, cerca de 10 anos depois de sua criação. Ele relata que os cursos de licenciatura até tratam da lei, mas que, na prática, na sua opinião, “a gente não vê”. Quando perguntado sobre se percebia se as unidades escolares em que trabalhou utilizavam a capoeira no ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena, professor Peruca respondeu: “É, eu ouvi em algum momento sim, o pessoal da... de história falar de capoeira. Só nas datas comemorativas, né?, que eu ouvia falar”. Professor Peruca, encaminhando para o final da Entrevista, é categórico ao afirmar que a capoeira deixa, sim, contribuições para a educação das relações étnicas:

Quando há uma roda de capoeira numa escola, ela deixa sim sua marca, porque as músicas, as cantigas, os instrumentos são referências da questão afro na escola, a questão étnico-racial. A capoeira é o maior enfrentamento racial, é a capoeira. Ela estando na escola ali, ela está de certa forma trabalhando a questão racial. Porque a capoeira, todo mundo sabe sua origem, a capoeira veio de uma origem africana, afrodescendente. Na luta de repressão, perseguida. Entrou no Código Penal. Então a capoeira não é só um jogo. Quando a gente toca capoeira dentro da escola ou em qualquer ambiente, numa praça onde passa, realmente é uma liberdade. A gente não poderia fazer isso alguns anos atrás, a gente não poderia praticar capoeira (Apêndice A).

A educação para as relações étnicas por meio da capoeira fica evidente quando professor Peruca afirma que as cantigas e os instrumentos de capoeira trabalham a questão étnico-racial na escola, e isso deixa uma marca naquele espaço. As relações raciais são, para ele, o mote da capoeira, pois ele é categórico quando diz: “A capoeira é o maior enfrentamento racial, é a capoeira”. Se a capoeira está na escola, segundo o participante da entrevista do Apêndice A, “de certa forma ela está trabalhando a questão racial”.

Ao final da entrevista, professor Peruca pondera sobre a liberdade que se tem hoje em dia para praticar capoeira no Brasil. Ele diz: “A gente pode fazer uma roda na praça tranquilamente, porque nenhum decreto impede de fazer nada ali na praça”. Entretanto, em seguida, ele menciona um caso em que um mestre fora perseguido: “Mas, numa cidade vizinha aqui, eu já vi um mestre de capoeira ser perseguido na cidade pequena e saiu uma lei que não poderia fazer roda na praça”. Ele diz que o caso repercutiu na imprensa em todo lugar. A cidade citada pelo

professor Peruca é Boa Nova, Bahia (MILANI, 2013). Com a exceção de casos isolados como esse, no entanto, ele finaliza: “Até o momento de hoje, a capoeira pode-se fazer em qualquer lugar”.

Após realizar as entrevistas com os alunos de Professor Peruca, me pareceu interessante entrevistá-lo novamente, dessa vez buscando aqui e ali elementos que pudessem lançar luz sobre nosso objeto de pesquisa.

Nesse segundo momento, Professor Peruca conta sobre sua infância em bairros periféricos de Jequié. Ele nasceu em Pompílio Sampaio, passou pelo Bom Sossego, onde viu a capoeira pela primeira vez, e fixou residência no Brasil Novo. De lá ia a pé até um projeto social no CSU, no Jequezinho. As aulas de capoeira eram sua grande paixão, mas o “lancheão” o motivava a caminhar e a treinar.

A capoeira de Professor Peruca foi moldada pelos projetos, talvez tenha sido o que o levou desde pequeno a sonhar com uma academia ao lado de sua casa. Quando ele resolveu acolher os alunos no espaço, deixou claro que não haveria lanche, mas, mesmo assim, os adolescentes vão às aulas regularmente. Sua mãe e sua esposa fornecem um lanche eventualmente, e eles mesmos fazem vaquinha vez ou outra. O que é certo é que o que não falta é a capoeira, é o axé.

Na capoeira, é importante que aquele que deseja ser professor tenha alunos e que também seja parte de uma comunidade (ARAÚJO, 2004). Em vista disso, professor Peruca, depois que seu mestre foi-se embora de Jequié, se filiou à Associação de Capoeira Energia da Terra, em Poções. Então, hoje, quem o orienta em seu projeto e quem ele tem por mestre é Mestre Didi, fundador da Associação de Capoeira Energia da Terra e Doutor Honoris Causa por honra ao mérito.

Figura 2 – Professor Peruca e Mestre Didi em Poções, Bahia.



Fonte: Acervo pessoal de Mestre Didi.

3.2 Vou chamar de um a um

Esse é mais um trecho da canção que deu título à seção anterior, e demonstra o propósito desse item, que é analisar as entrevistas de dois alunos de professor Peruca: Caxixi Capoeira e Dobirão. Esses nomes não são seus nomes na capoeira, são nomes fictícios porque, como já mencionamos, optamos por ocultar suas identidades para termos liberdade de contar suas histórias.

Caxixi Capoeira é o nome fictício do aluno de professor Peruca. Hoje ele está com 19 anos. Seu nome na capoeira consistiu em apenas agregar o termo Capoeira ao final de seu primeiro nome. Por isso seu nome na capoeira é Caxixi Capoeira. Ele declara ser preto. Atualmente, esse aluno de professor Peruca está cursando o Ensino Médio. Diferentemente de professor Peruca, Caxixi é de religião evangélica, o que já demonstra que, nesse contexto, a capoeira consegue estabelecer um convívio e respeito entre professor e aluno de religiões diferentes.

Esse capoeirista entrevistado começou a capoeira em 2012, no Programa Mais Educação, na escola municipal em que estudava. Ele possui a segunda corda de graduação. Caxixi conta como era o PME em questão:

Era um projeto, tinha o horário de fazer só a capoeira, onde juntava uma galera que estudava, dependendo do turno; se estudava pela manhã, fazia pela tarde; se estudasse pela tarde, fazia pela manhã. Eu como estudava pela tarde, fazia pela manhã, às vezes. Mas não fiquei muito tempo pela manhã, saí logo, fui para a tarde, e fazia capoeira pela tarde, às 5 horas, na escola (Apêndice B).

Como havia vários cursos de diferentes segmentos na escola, Caxixi Capoeira escolheu fazer capoeira, mas fez uma pausa e ingressou na fanfarra, depois saiu da fanfarra e voltou para a capoeira, e aí permaneceu até o final do Programa.

Caxixi hoje pertence ao grupo de capoeira criado por professor Peruca, quando findou o Programa Mais Educação. Perguntado sobre se algum professor ou professora abordava o assunto da capoeira nas disciplinas em que dava aula, Caxixi disse que sim, porque ele “era muito curioso e queria saber mais sobre capoeira”. O jovem aluno relatou que a capoeira era abordada nas aulas regulares em datas específicas, alegando que “não falava muito”. Como, porém, ele se mostrava muito curioso, ele entendia “bem já um pouco sobre a capoeira”.

Segundo o entrevistado, a capoeira o ajudou na relação com o outro na escola e fora dela, além de lhe proporcionar disciplina e postura. Ele assegura que a capoeira ensina sobre várias outras coisas que ele pode levar para a vida inteira. A capoeira é para ele “tudo”. Ele amanhece pensando em capoeira e acrescenta:

Capoeira é energia, a gente faz amigo, conhece. Tem uma *vibe* incrível quem joga capoeira. Conhece, sabe, quem joga sente realmente a verdadeira energia da capoeira fora e dentro, como aqui [se refere à Escola de Capoeira Motumbá Axé], como em outros lugares; quem joga capoeira sabe como é sentir capoeirista (Apêndice B).

Caxixi considera que a capoeira lhe ensina muitas coisas além da disciplina; ela o ensina a ter compromisso e responsabilidade. Segundo ele: “quem joga capoeira vai saber como entra e como sai de qualquer lugar”.

Esse aluno de Peruca é seu mais velho aprendiz. Em seu relato fica claro o quanto de fundamento de capoeira foi investido nele. Um de seus enunciados mais agudos revela o quanto ele assimilou os fundamentos mais preciosos da capoeira.

Ele diz: “Não adianta saber só a prática e não saber a teoria da capoeira, né? Da onde ela realmente veio e seus fundamentos”.

No Ensino Médio hoje, Caxixi é referência em dança afro, tendo a capoeira como a base dos movimentos que cria. Há pela cidade diversos vídeos em que ele participa de projetos em escolas públicas, basicamente. Nos últimos dias, foi chamado a participar, em uma cidade um pouco distante de Jequié, de uma apresentação de dança para a comunidade escolar das escolas públicas daquela região.

Dobrão é o nome fictício do segundo aluno entrevistado de professor Peruca. Ele começou a capoeira juvenzinho ainda, aos 12 anos de idade, e passou por vários mestres. Começava e parava, mas depois continuava. Ele pegou sua graduação, a graduação infantil, enquanto fazia capoeira na Escola Municipal Joaquim Marques Monteiro, no Programa Mais Educação, mas o Batizado foi no Colégio Estadual Maria José Lima da Silveira.

O primeiro professor dele deixou de ser professor e hoje atua como mecânico. Ele treinou com outro mestre do Programa Mais Educação, o qual nós chamaremos aqui de Mestre Cabaça, na escola que nomearemos Escola Pandeiro.

Embora Dobrão já treinasse capoeira antes do PME, ele revela a importância desse programa na vida dele e na capoeira. Segundo o capoeirista, o PME fez com que a capoeira abraçasse mais pessoas, de maneira a formar e alargar a “família”. Foi o programa, segundo ele, que o fez não desistir “mais nunca da capoeira”.

Às vezes ele se encontrava cabisbaixo, em momentos de crise, de tristeza, e ele diz: “Ela me levantou bastante”.

Ao falar de capoeira, Dobrão é categórico:

Bom, a capoeira para mim é a melhor coisa que aconteceu desse ano aí de 2015 para cá. Quando eu comecei a treinar com o professor Peruca, né? Foi uma experiência muito boa para mim. Viajei pra Poções, conheci capoeiristas novos. Conheci coisas novas, né? Então... desse tempo para cá, ela foi uma das coisas que melhorou muito para mim, né?

Fica bastante evidente pelas falas dos participantes da pesquisa que há um atravessamento entre a educação formal e a capoeira. Um deles conheceu a capoeira na escola em que estudava (Caxixi Capoeira), foi lá que aprendeu a gingar por anos até que se tornou capoeirista, matriculando-se na Escola de Capoeira Motumbá Axé, espaço de educação não formal. A capoeira extrapolou os limites da

escola e do programa e seguiu para a comunidade. Dobrão já sabia capoeira, mas entrou no Programa Mais Educação da Escola Municipal Joaquim Marques Monteiro. Pegou uma graduação, a corda infantil numa Escola Estadual, a Maria José Lima da Silveira, porque nesse colégio havia aulas regulares de capoeira quando a escola não estava tendo atividades pedagógicas, ou seja, o espaço era cedido para as aulas de capoeira durante a noite.

Portanto, esse trabalho lança luz sobre uma questão importante: Por que a escola requisita tanto a capoeira para seus espaços pedagógicos, de alguma forma reconhecendo sua importância, mas trata seus instrutores, professores e mestres como de segunda classe, oferecendo-lhes ou só o espaço, acreditando que está fazendo muito, ou uma remuneração pífia de R\$ 400,00, como o PME em 2016?

4 ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM

Em muitas rodas de capoeira atualmente, a canção “Adeus, adeus, boa viagem” imprime um ritmo acelerado na roda de capoeira contemporânea e indica que o jogo está para acabar. Por essa razão tomamos emprestado essa imagem para trazer as considerações finais deste trabalho.

Enrique Dussel, filósofo argentino, radicado no México desde 1975, um expoente do pensamento latino-americano e da filosofia da libertação, em suas conferências vai à origem do “Mito da Modernidade”, assumindo o caráter emancipador racional desse “conceito”. Entretanto, afirma que o termo desenvolve um “mito” irracional, de justificação da violência, que devemos negar, superar (1993, p. 7).

O autor critica a razão moderna, não por ser a razão do terror, como dizem os pós-modernos, mas por encobrir um mito irracional. Ele acredita que a Modernidade tem de ser superada, e, para tanto, propõe um caminho que ele chama de Transmodernidade.

O ano de 1492, segundo nossa tese central, é a data do “nascimento da Modernidade”; embora sua gestação – como feto – leve um tempo de crescimento intrauterino. A Modernidade originou-se nas cidades medievais europeias, livres centros de criatividades. Mas “nasceu” quando a Europa pôde se confrontar com o seu “Outro” e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como um “ego” descobridor, conquistador, colonizador da alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi “descoberto” como Outro, mas foi “en-coberto” como o “si-mesmo” que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do “nascimento” da Modernidade como conceito, o momento concreto da “origem” de um “mito” de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de “en-cobrimento” do não-europeu” (DUSSEL, 1993, p. 8).

O eurocentrismo não só coloca a Europa como centro da história universal, mas também, literalmente, descarta a América Latina e a África. Hegel considera os habitantes de África de uma “inferioridade”, “em tudo”, “inteiramente evidente” (DUSSEL, 1993, p. 19). Sobre os africanos, diz que “entre os negros é realmente característico o fato de que sua consciência não chegou ainda à intuição de nenhuma objetividade [...]. É um homem em estado bruto” (DUSSEL, 1993, p.19-20).

Para finalizar, Hegel arremata:

A África não tem propriamente história. Por isso abandonamos a África para não mencioná-la mais. Não é uma parte do mundo histórico; não representa

um movimento nem um desenvolvimento histórico... O que entendemos propriamente por África é algo isolado e sem história, sumido ainda por completo no espírito natural, e que só pode ser mencionado aqui, no umbral da história universal (HEGEL, 1946, p. 231. 234, ed. cast. p. 198-201 *apud* DUSSEL, 1993, p. 20).

Com a globalização e a criação do capitalismo colonial/moderno, o mundo passou a ter um novo padrão de poder mundial. E

um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de *raça*, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 107).

O eurocentrismo tem origem no período colonial, mas é mais duradouro e mais estável que ele. A colonialidade de poder hegemônico hoje é calcada na ideia de *raça* (Quijano, 2005). Os conquistadores situavam os conquistados em uma situação supostamente naturalizada de inferioridade, com origem nas diferenças fenotípicas entre eles. Essa caracterização é algo que foi produzido após a criação das Américas. O negro, o índio e o mestiço – assim como o espanhol, o português e, a seguir, o europeu – foram identidades criadas com a conotação racial.

A ideia de *raça*, então, se colocou como balizadora das relações de dominação que a Conquista impunha.

A expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziu à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de *raça* como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados (QUIJANO, 2005, p. 107).

O critério de *raça* se colocou como preponderante na divisão das populações em níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. A Europa, como centro do capitalismo mundial, expandiu seu domínio colonial por todo o globo, desenhando uma

configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, *a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento* (QUIJANO, 2005, p. 110, grifo nosso).

O eurocentrismo caracteriza-se como uma visão etnocêntrica em que uma dada racionalidade, uma perspectiva particular de conhecimento, se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, “prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo” (QUIJANO, 2005, p.115).

Assim, o pensamento decolonial significa o investimento em práticas epistêmicas que reconheçam e transgridam a colonialidade do poder colocadas a cabo nas regiões colonizadas de modo a produzir um enfrentamento da situação de dominação (CORDEIRO; ARAÚJO, 2018). Com todas as considerações expostas anteriormente, é plausível considerar que a capoeira possua características que a fazem promotora da emancipação, difusora de um saber antirracista e não eurocêntrico.

Assim, a colonialidade do poder, com sua ideia de educação, tenta promover uma visão eurocêntrica de mundo, mas a capoeira entra nos espaços escolares e, gingando, desvia-se desses modelos eurocêntricos, chegando a produzir capoeiristas, apesar de todas as dificuldades e da falta de reconhecimento profissional. Ela usa a institucionalidade para criar espaços de capoeira não escolares. E, nesse sentido, tanto professor Peruca, como seus dois alunos e eu mesma estamos na intersecção desses espaços. Cabe aqui mencionar algo que nos pode servir de exemplo: “A iniciação esportiva no judô japonês ocorre entre 4 e 8 anos, basicamente em dois locais: nas academias de judô e nas escolas, no currículo da disciplina educação física, como uma das modalidades do Budô” (TAVARES JÚNIOR, 2022, p. 36), o que provavelmente é um fator importante para que este país se demonstre uma potência nessa arte marcial.

As histórias de nossos participantes de pesquisa foram marcadas pela passagem do PME nas instituições de Ensino Fundamental público de Jequié.

Os depoimentos colhidos neste material testificam que o PME parece ter cumprido seu propósito nas escolas que aderiram a capoeira no Programa, de acordo com o que extraímos textualmente do *Manual operacional da Educação Integral* (BRASIL, 2012):

Capoeira – Incentivo à prática da capoeira como motivação para desenvolvimento cultural, social, intelectual, afetivo e emocional de crianças e adolescentes, enfatizando os seus aspectos culturais, físicos, éticos, estéticos e sociais, a origem e evolução da capoeira, seu histórico,

fundamentos, rituais, músicas, cânticos, instrumentos, jogo e roda e seus mestres (BRASIL, 2012, p. 17).

Professor Peruca já ministrava aulas de capoeira nas escolas de Educação Infantil particulares há quatro anos quando pleiteou a vaga de professor de capoeira na escola em que ficou lotado no PME. Centenas de alunos passaram por suas aulas no período em que esteve à frente das aulas de capoeira na Escola Municipal Joaquim Marques Monteiro, de Jequié. Alguns viram capoeira pela primeira vez, como Caxixi Capoeira, outros, como Dobrão, tiveram sua relação com a capoeira estreitada e restabelecida.

Com a implementação desse PME, podemos sentir seus efeitos na capoeira, ao menos no círculo de atuação de nossos participantes da pesquisa. Professor Peruca representa o professor de capoeira que é educador social. Ele leva um saber ancestral para dentro da escola em que estava lotado no PME, sendo subvalorizado, tendo uma quantia irrisória como ajuda de custo, ou, como diz o programa, ele se voluntaria para dar aulas de capoeira na escola.

O professor de capoeira em Jequié entrou no espaço escolar nos anos entre 2008 e 2016 pela porta dos fundos. Um ensinamento que foi assegurado pela lei 10.639/2003, por se tratar a capoeira de uma cultura africana e afrodescendente, foi considerado de segunda classe mesmo nos espaços em que mais obteve êxito. Esse parece ser o lugar reservado ao mestre e ao professor de capoeira no Brasil. Sempre que essa arte e cultura negra é a duras penas levada adiante, é por esforços de mestres e professores de capoeira no Brasil. Mestre Janja nos alerta sobre a condição de vida e morte de velhos mestres no Brasil: estão sempre fazendo vaquinha para enterrá-los.

Há uma cadeia que retroalimenta essa relação capoeira-escola. Os projetos sociais forjaram os capoeiristas desta pesquisa. E, nas apresentações de capoeira na escola, os agentes do estado se servem desse trabalho cotidiano nas academias de capoeira em datas pontuais, como Novembro Negro, Dia do Folclore etc. Entretanto, com todas as críticas cabíveis ao tratamento que a capoeira recebe das escolas, ainda assim os frutos do PME parecem ter sido bons.

Alguns dos adolescentes que tiveram contato com a capoeira na escola se tornaram capoeiristas, entre eles Caxixi Capoeira e Dobrão. Foi o PME que cimentou o caminho para que o professor Peruca abrisse a sua Escola de Capoeira

Motumbá Axé. Um desejo e um sonho de criança. A passagem do PME nas escolas de Jequié gerou capoeiristas e professores de capoeira convictos.

REFERÊNCIAS

- A CAPOEIRA EM JEQUIÉ. Direção: Tatiane Souza. Imagens: Letícia Alves e Tatiane Souza. Edição: Adauto Lima e Tatiane Souza. 2018 (15 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVmzB0HbWdE&t=6s>. Acesso em 29 set. 2019.
- ARANTES, Erika Bastos. **O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.
- ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre: a Capoeira Angola da “escola pastiniana” como práxis educativa**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2004.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.
- ARRUTI, José Maurício. Etnicidade. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves (orgs.), **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: Edufba, 2014. P. 199-212.
- ASSUNÇÃO, Mattias Röhrig; MANSA, Mestre Cobra. A dança da zebra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. ANO 3, nº 30, mar. 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 8 jun. 2008.
- _____. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 27 set. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília, Distrito Federal, 2012. 80 p.
- CAMPOS, Hélio (Mestre Xaréu). **Capoeira na escola**. Salvador: Edufba, 2001a.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas**. Brasil/Portugal, Fundo da Cultura, 1967.
- COLEÇÃO CAPOEIRA E CIA. São Paulo: **Escala**, s.d. Edição especial. S/d.

COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas; TRIANI, Felipe da Silva. *Resenha do livro "Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira"*, escrito por Elisabeth Vidor e Letícia Reis, Editora Selo Negro, 2013. **Movimento**, vol. 21, núm. 4, outubro-diciembre, 2015, pp. 1123-1128. Escola de Educação Física. Rio Grande do Sul, Brasil.

DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur: descolonización e transmodernidad**. Cidade do México: Akal, 2015.

_____. **Filosofía de la liberación**. Bogotá: Nueva América, 1996.

_____. **1492: El encubrimiento del Otro**: Hacia el origen del "mito de la Modernidad. La Paz: Plural editores: Facultad de Humanidades y Ciencias de la educación – UMSA. 1994.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 275p.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. trad. Sanda Netz. 2. ed. Porto Alegre : Bookman, 2004.

GINGA CAPOEIRA, São Paulo: **Escala**, s.d. Ano IV, nº 26. Edição Especial Negro 100%.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2. mar./abr. 1995.

GOMES, Nilma Lino, **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/curr%C3%ADculo-e-rela%C3%A7%C3%B5es-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2018.

_____. **Cultura negra e educação**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05>. Acesso em: 09 nov. 2020.

_____. **Educação e diversidade étnico-cultural**. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/Diversidade-na-educaCAo-reflexOes-e-experiEncias_Marise_Ramos.pdf#page=69. Acesso em: 09 nov. 2020.

HAGUETTE, T. M. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LÜHNING, Angela. A capa. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ANO 3, nº 30, mar. 2008.

MEINERZ, Carla Beatriz; BARBOSA, Viviane Malheiro. **MÉTIS: história & cultura** – v. 15, n. 29, p. 24-40, jan./jun. 2016.

MILANI, Luciano. Boa Nova – Bahia: Prefeitura proíbe rodas de capoeira em espaços públicos. 17 de maio de 2013. Disponível em: encurtador.com.br/mDF37.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica, identificação e manipulação. **Sociedade e Cultura**. V. 6., núm. 2, jul-dez., 2003, p. 177-231.

PIMENTEL, Clara Alencar Villaça. A capoeira escrava: uma possível leitura do “episódio da capoeira” no romance *Um defeito de cor*. **Revista Darandina**. 2ª ed. v. 1. n. 2, 2008.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola Mestre Pastinha**. [1964]. 3ª ed. Fac-similar. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá: três personagens da capoeira baiana**. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

_____. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura, e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

PIZA, Suze de Oliveira; PANSARELLI, Daniel. **Sobre descolonização do conhecimento – a invenção de outras epistemologias**. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:e8gP_Bis0bwJ:https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/download/3366/3255+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 8 jun. 2018.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PRATICANDO CAPOEIRA. São Paulo: **D+T**. Anos II, III e IV, nº 22, 27, 37, 40 e 42. S/d.

QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora**. Salvador: Livraria Progresso, 1916.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

RÊGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador, Itapoã, 1968.

REIS, Rômulo; AMBRÓSIO, Vicente. **A capoeira pode ser olímpica?** Disponível em: <https://copedu.net.br/2020/01/a-capoeira-pode-ser-olimpica/>. Acesso em 24 jul. 2022.

RIBEIRO, Marlene. **Políticas de promoção da igualdade racial no Brasil (1986-2010)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

SANKOFA, a África que te habita. (Temporada 1, Ep. 4). Direção de César Fraga e Maurício Barros de Castro. Rio de Janeiro: Netflix, 2020.

SILVA, Leando Farias. **Capoeira: uma manifestação cultural afro-brasileira e suas contribuições histórico-sociais**. Salvador: JM, 2015.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

_____. Capoeira de Angola, Capoeira do Brasil? **Revista Capoeirando: um tributo à cultura popular**. Campinas. n. 2. p. 12 13, abr/mai/jun. 1995.

_____. A Capoeiragem Baiana na Corte Imperial (1863 1890). **Revista Afro Ási**. Salvador. Centro de Estudos Afro Orientais FFCH/UFBA. n. 21 22, p. 147 175. 1998 1999.

_____. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 1850)1850)**. Campinas: Editora da UNICAMP. Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2002.

SOARES, M. Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, N. Midosi Editor, 1880. Tomo III, Ano I. p. 228.

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

_____. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Codecri, 1986.

SOUZA, Tatiane G. P., **A capoeira na cidade de Jequié: conteúdo a ser abordado no ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena através da produção de um documentário**. 2018, 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TAVARES JÚNIOR, ANTONIO CARLOS. **Regras competitivas das categorias de base das potências mundiais de judô: relações com a preparação desportiva de longo prazo e implicações para o judô brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Bauru, 2022.

TENDLER, Sílvio. **O mundo visto do lado de cá**. 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM. Acesso em: 8 jun. 2018.

APÊNDICE A.

APÊNDICE A – Entrevista com Professor Peruca

T: TATIANE

PP: PROFESSOR PERUCA

T: Boa noite, professor. O senhor poderia dizer seu nome?

PP: Meu nome é Aduino Severiano Lima Neto.

T: E o apelido na capoeira?

PP: É professor Peruca.

T: O senhor considera que é de que raça/de que cor?

PP: Eu sou afro-indígena.

T: O senhor poderia dizer para a gente a sua escolaridade?

PP: Eu estou tentando concluir aí o Ensino Superior em Educação Física.

T: Tem alguma religião?

PP: Tenho sim, é de matriz africana.

T: Quando começou capoeira? Conte resumidamente sobre sua trajetória até chegar a professor.

PP: Eu comecei a capoeira em um projeto social, né?, em Jequié. Mas o meu primeiro contato com a capoeira foi visualmente; eu vi a capoeira, um vizinho praticando no quintal em casa, e aí eu me encantei pela capoeira. Isso era em 94, 95 por aí. Eu só fui praticar a capoeira em 2000. Mas, como a capoeira tem essa questão de olhar e aprender, então eu já fazia alguns movimentos ali, enquanto não

sabia que era capoeira: a estrelinha, que é chamada aú. Aí já tinha bastante, era muito bom em abertura, escalar, essas coisas. Assistia aqueles filmes que passava na sessão da tarde de luta. Aí veio o Esporte Sangrento, um filme que motivou muita gente a praticar capoeira na minha época. Aí teve o projeto social em 2000. Aí eu treinei nesse projeto social em 2000 e depois meu professor começou o projeto social no [Colégio Estadual de Jequié] sem vínculo com nenhuma instituição. Era voluntário, e aí eu fiquei e depois segui na capoeira aí.

T: Como o senhor chegou à condição de professor e começou a dar aulas nas escolas de Jequié? Poderia contar um pouquinho para a gente?

PP: Comecei em escola particular, né? A gente teve a ideia de fazer capoeira na escola, e aí o mestre falou: Ó P, você vai dar aula. Eu não era Professor na época não. Eu fui dar aula na escola. A primeira escola que eu dei aula foi uma escola particular. E aí, comecei nessa escola, depois fui para outras escolas. Jardim da Infância, tivemos trabalhos bons. Tudo escola particular. Depois teve outra escola. E aí foi indo para outras escolas particulares.

Depois teve a academia ali que os alunos iam tudo [frequentar] as aulas de capoeira. E aí o Mestre de Capoeira adentrou a Educação Física e chamou vários alunos para poder participar da questão acadêmica, que a gente poderia crescer muito com a capoeira e a gente cresceu realmente.

E aí a gente foi fazer o Curso de Extensão da Odeere. E a gente conseguiu entender que a capoeira não é só jogo, tem toda uma questão aí acadêmica importante para a capoeira trabalhar.

T: Foi exigida do senhor formação em Educação Física para ministrar aulas de capoeira?

PP: No Projeto Mais Educação não exigia Educação Física, não. No começo, quando foi o primeiro governo de Lula no seguimento de Dilma, nesse Projeto Mais Educação não exigia, não. Aí já no governo de... após o golpe de Dilma, Temer assumiu, era já... estava acabando o recurso, aí dificultaram e botaram que só ia ficar professor que tivesse estudando Educação Física. E aí logo em seguida o projeto acabou.

T: Então o senhor foi contratado pelo Programa Mais Educação?

PP: Fui.

T: Em que ano?

PP: Ah, não lembro. Foi em... ficou até o último mandato de Dilma, até a saída da Presidenta Dilma. Assim eu não lembro exatamente. Acho que começou em 2004. Não lembro exatamente a data, não. Mas quando começou a implantação desse projeto eu dei aula numa escola municipal. A primeira escola que dei aula. Depois, fui para outras escolas, e o tempo que mais demorei foi aqui na escola [nome da escola foi ocultada, para preservar identidade dos sujeitos da pesquisa]... aqui no próprio bairro.

T: O senhor recebia proventos para dar aulas nas escolas?

PP: A gente assinava um contrato de voluntário, né? De R\$ 400, reais. Capoeira, judô, fanfarra, dança...

T: No Mais Educação?

PP: É. E aí era um contrato de voluntário. Só que vinha uma ajuda de custo, para poder a gente ministrar as oficinas, mas a gente assinava lá como voluntário.

T: Depois que o Programa deixou de vigorar, você continuou a oferecer aulas ou apresentações de capoeira nessas escolas?

PP: Continuei. Depois que o Projeto acabou, vim para esse local que a gente está fazendo a entrevista aqui continuar o projeto de capoeira. Os meninos me perguntavam se ia ter capoeira na escola... e eu vim para esse local que a gente está aqui fazendo a entrevista e logo após veio a Lei Aldir Blanc, aí tive um incentivo [federal] para poder passar por essa Pandemia e continuar com a capoeira.

T: O senhor conhece as Leis 11.645/2008 e 10.639/2003? Relate sua experiência com essas leis.

PP: Conheço sim. Fui conhecer essas leis lá no curso de extensão da Odeere. Até tanto não conhecia, não ouvia falar. Aí quando eu ouvi falar dessas leis no Curso de Extensão da Odeere, já tinha já um bom tempo, tinha já uns 10 anos dessas leis sancionadas, e o que acontece? Eu não via isso na prática, né? Existe nos cursos de Licenciatura, fala-se. No curso de formação de professores, fala. Mas, na prática, nas escolas, a gente não vê. Só em datas comemorativas que realmente o pessoal trabalha a questão da capoeira na escola, em alguma apresentação, alguma coisa assim, algum festival afro, voltado à questão afro, mas em si mesmo, trabalhar o ano todo, não trabalha.

T: O senhor percebia se as Unidades Escolares nas quais trabalhou utilizou a capoeira no ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena?

PP: É, eu ouvi em algum momento sim, o pessoal da... de história falar de capoeira. Só nas datas comemorativas, né?, que eu ouvia falar.

T: O senhor acredita que a capoeira deixou contribuições para a educação das relações étnicas? Se sim, quais?

PP: Deixou. Quando há uma roda de capoeira numa escola, ela deixa sim sua marca, porque as músicas, as cantigas, os instrumentos são referências da questão afro na escola, a questão étnico-racial. A capoeira é o maior enfrentamento racial, é a capoeira. Ela estando na escola ali, ela está de certa forma trabalhando a questão racial. Porque a capoeira, todo mundo sabe sua origem, a capoeira veio de uma origem africana, afrodescendente. Na luta de repressão, perseguida. Entrou no Código Penal. Então a capoeira não é só um jogo. Quando a gente toca capoeira dentro da escola ou em qualquer ambiente, numa praça onde passa, realmente é uma liberdade. A gente não poderia fazer isso alguns anos atrás, a gente não poderia praticar capoeira.

T: Hoje então é possível jogar capoeira com liberdade?

PP: Podemos dizer que sim. Até esse dia de hoje, a gente pode fazer uma roda na praça tranquilamente, porque nenhum decreto impede de fazer nada ali na praça, mas, numa cidade vizinha aqui, eu já vi um mestre de capoeira ser perseguido na cidade pequena e saiu uma lei que não poderia fazer roda na praça. Saiu na imprensa, saiu em todo lugar. Até o momento de hoje, a capoeira pode-se fazer em qualquer lugar.

T: Bom dia, professor. Professor, eu queria dar continuidade à nossa entrevista. Queria que o senhor contasse um pouco onde nasceu e como era o bairro em que morava na sua infância.

PP: Bom dia, salve, salve. Eu nasci em Jequié, né, fui registrado no Baixão. E a minha infância era uma infância diferente dos menino de hoje. Não tinha a internet, só tinha a televisão pra assistir, então eu ficava uma boa parte do tempo na rua, brincando de bola, de gude, correndo, brincando em areia, tinha toda uma liberdade que hoje os menino não têm. Aí eu fiquei um tempo morando no Pompílio Sampaio, depois fui morar...

T: Com quem o senhor morava no Pompílio Sampaio?

PP: Eu morava com os meus pais, era bem molecotezinho, e lá eles tinham um quintal grande, tinha bastante coisa plantada, depois que abriu a rua diminuiu o quintal, mas antes era bem grande, tinha pato, cachorro, era uma coisa bem legal, era uma infância bem... o bairro não tinha muita casa, tinha pouca casa, e aí, a meninada solta, brincando, correndo, era muito legal.

T: Você tinha irmãos?

PP: Tinha um irmão, tinha um irmão e... era só eu e meu irmão, só. E a molecada da rua toda.

T: Foi nessa época que o senhor teve contato com a capoeira?

PP: Não, ainda aí não tive contato com a capoeira, não. Nunca tinha visto a capoeira aí nessa época do Pompílio Sampaio, não. Aí eu só fui ter contato com a capoeira quando a gente mudou de bairro, que era um bairro mais periférico, aqui no Bom Sossego, que era a antiga invasão, chamada. Aí lá tive contato com a capoeira, vi a capoeira, via sempre o vizinho fazendo capoeira no quintal, tocando berimbau. Aí foi onde eu visualizei alguns movimentos da capoeira e comecei a treinar sozinho. Entretanto, aí, isso era em 94, entretanto, não tinha... tinha uma academia de capoeira no centro, mas nos bairros não tinha atividade de capoeira. Mas também meu pai não queria que eu fizesse capoeira. Tinha acontecido um fato com a polícia envolvendo uma questão errada na cidade e aí a capoeira foi penalizada e aí ninguém queria fazer capoeira. Era o mestre, líder da capoeira na cidade que se envolveu nessa situação aí. Mas enfim, conheci a capoeira nessa época e não consegui praticar. Fui praticar [trecho incompreensível] de fato em 2000, num projeto Jequié Esporte, que tinha em vários bairros. Aí nessa época eu já morava no Brasil Novo.

T: Conte um pouco como foi lá nesse projeto e se o senhor teve parceria do seu irmão, seu irmão se interessou por capoeira também, ou na sua casa era só o senhor com a capoeira?

PP: Meu irmão também se interessou por capoeira, inclusive a capoeira... Ele achava... primeiro ele criticou a capoeira, quando eu entrei no projeto, disse que era dança e tal... só que aí depois ele foi fazer... eu ensinei uns passos a ele de capoeira em casa. Eu ensinei alguns passos a ele de capoeira em casa, e aí, aqui perto do Brasil Novo tinha um rapaz que dava aula de capoeira, e ele foi fazer capoeira com esse rapaz, e eu fazia capoeira num projeto lá no CSU, muito mais distante. E aí ele fazia capoeira com esse rapaz, aí depois ele treinou um pouco de outras artes marciais. Saía da capoeira, voltava, mas nunca foi aquele capoeirista mesmo, de pegar firme, não, ele treinava uns dois, três meses, saía, depois voltava de novo, treinava mais uns dois, três meses, saía, mas... jogava muita capoeira. Ele fez capoeira, depois [trecho incompreensível] um outro projeto social. Tudo era projeto social.

T: E como era essa ida do Brasil Novo e ir pro CSU? O senhor ia como?

PP: Eu ia a pé. Era uma caminhada boa! Gostava de ver as casas mais modernas e ia tocando a campainha, correndo, eu gostava, achava muito divertido. Chegava no CSU lá, e tinha um lanchezão pra comer e muita capoeira pra jogar. Era bom demais! Aí a gente ia andando e aí na volta vinha uns menino, que também moravam em outros canto, assim mais distante, a gente passava ali no alto da prefeitura e tinha um bocado de pé de almenda, a gente arrancava a almenda e comia almenda lá, depois pocava a almenda pra comer o coquinho de dentro. Era a infância boa.

T: E no CSU, como era a capoeira lá?

PP: No CSU era uma capoeira mais... mais lúdica, como era um projeto social, era muita criança, então não tinha aquele foco de capoeira luta, não, era capoeira lúdica, você tinha que aprender a gingar, entrar, sair... O mestre, que era o mestre Raimundo, não deixava ninguém derrubar ninguém, tinha todo um protocolo pra poder entrar na roda, era uma capoeira mais didática, da forma dele, mas didática. Capoeira que ele dizia que não era pra bater em ninguém, que capoeira não era pra bater em ninguém. E aí a gente aprendia a capoeira desse jeito.

T: Como era o bairro do Brasil Novo nessa época?

PP: Era um bairro igual casa popular, igual Minha casa, minha Vida, as casinha tudo igual. Aí a Caixa demorou de entregar essas casa. Tinha todo um protocolo pra poder financiar a casa na época. Aí o pessoal acabou vindo a ocupar as casa, aí fazia gato, aí ligava água, ligava luz, aí foi morando, foi comprando as casa na mão dos povo que tinha aí ocupado as casa. Aí foi entrando em contato com a Caixa, a Caixa foi e deu preferência às pessoas que tavam dentro das casa. Aí fez o carnê, o boleto, e as pessoas foram pagando. Na época eram 25,00, eu lembro como hoje a parcela da casa, em 99 mais ou menos isso. E aí algumas pessoas não pagaram e a Caixa leiloou algumas casas, aqui no Brasil Novo. Só que o Brasil Novo tinha o campo, o campo de areia, tinha parque, e depois, como o pessoal ocupou as casa, o pessoal não quis mais manter esses campo, campo de areia, os parquinho, tirou os parquinho tudo, hoje já é casa também em lugar do terreno dos parquinho, o campo

de areia também era da Caixa, a Caixa vendeu os terreno, e aí só ficou o campo, e mesmo assim, o campo ficou sem manutenção, e aí a gente foi parando de jogar bola, e hoje é inviável jogar bola no campo. Vive mais porque a gente é antigo no bairro e não quer que o campo seja casa, o único lugar de lazer que tem aqui no Brasil Novo hoje. E a capoeira, que resiste e persiste aqui no Brasil Novo, com essa atividade de capoeira pra poder fazer. Mas o interessante é que os único que faz capoeira aqui, todos que passaram aqui a maioria era de outros bairro, era do [trecho incompreensível] Vila Vitória, da Banca, do Brasil Novo poucos se interessaram em participar. O Brasil Novo tem dois, três... Interessante...

T: Como nasceu o projeto dessa escola de capoeira que o senhor fundou aqui no Brasil Novo?

PP: Nasceu logo após finalizar o projeto Mais Educação, quando o governo Temer entrou, tomou, né, o governo e entrou, o primeiro recurso que ele cortou foi esse recurso da Cultura, recurso pra essas área cultural, ele canetou e logo em seguida já não veio mais recurso pra continuar na escola, dando aula na escola aqui do Brasil Novo mesmo. Aí tinha um espaço aqui do lado que eu sempre dizia pros meninos desde moleque que minha academia de capoeira ia ser aqui. Só que aí ainda não tinha coragem pra poder fazer a aula de capoeira aberta ao público. Já fazia com a minha filha Ila e tal, já fazia berimbau do lado, mas não abria ao público pra fazer capoeira. Aí, quando esse projeto acabou, os meninos perguntando se ia ter capoeira, aí eu falei: Ó, na escola não vai ter mais, tal, mas se vocês quiser fazer a atividade aqui do lado, tem capoeira, agora não tem lanche, porque na escola tinha atividade de capoeira e tinha lanche. Como o recurso acabou, não tinha mais lanche pra dar aos menino, não tinha mais coordenador do projeto, então, pra mim fazer atividade na escola, ia ser tudo por minha conta, tudo responsabilidade minha, se alguém se machucasse eu era o responsável, se pudesse acontecer alguma coisa, a escola não ia entrar em nada. E isso aí eu não achei viável ficar na escola, de responsabilidade. De responsabilidade eu fazia aqui do lado de casa, pra comunidade e fazia a escola de capoeira aqui. E aí abri essa escola de capoeira aqui, num espaço arranjado, como se diz. E continuei com a capoeira, fiz a capoeira, a gente fazia capoeira, samba de roda, puxada de rede, a gente já se apresentou em vários lugar, Centro de Cultura, Casa da Cultura, em praças, em evento escolar,

em festival, e fui contemplado na Lei Aldir Blanc, já rendeu alguns frutos, né? Mas os meninos praticavam a capoeira e não contribuía com mensalidade, não. Então o projeto ia mais na força de vontade mesmo do professor, da aluna Tatiane que participava, também contribuía ajudando no que era possível, no que tava no alcance dela. Às vezes a gente comprava um pão, terminava a roda a gente comia esse pão com café, às vezes mainha comprava um arroz doce, fazia aqui, dava aos meninos, às vezes os meninos fazia vaquinha e comprava um refrigerante, um pão, a gente comia esse pão depois que acabava a atividade de capoeira. Mas tudo assim, sem a ajuda de órgãos federais nem municipais. A gente só teve a ajuda da Lei Aldir Blanc no pico da pandemia. Teve essa ajuda pra mim poder fazer a atividade de capoeira nas escola. Mas como a pandemia não deixou, realizei a atividade de capoeira na escola de capoeira aqui mesmo, no lado de casa, no Brasil Novo.

T: Seus alunos na escola de capoeira eram os mesmos alunos da escola pública?

PP: Era tudo do projeto do município aqui. E pra fazer a capoeira tinha que estar estudando. Todos eles tinham que estar estudando e passando de ano pra fazer a capoeira prosseguir aqui. E o papel da capoeira é esse, não formar um lutador, formar um cidadão. A capoeira, como não é um esporte olímpico, não é um esporte que você... tem essa questão de competição. A gente até faz competição: "A dupla que jogou melhor", ali, dá uma medalha, e tal, mas o objetivo não é colecionar medalha, é formar o cidadão, esse é o objetivo da capoeira quando vai pra um trabalho social. E aí a capoeira faz isso, transforma a juventude em um cidadão pensante e consciente. E isso é o papel do trabalho social na comunidade onde vai. Então os alunos eram tudo da rede municipal de ensino, rede estadual também, que tinha uns que já estavam no ensino médio.

T: Quantos anos tem o projeto? Qual foi a data de fundação do projeto do Brasil Novo?

PP: Foi 27 de setembro de 2018. 27 de setembro de 2018 eu comecei a fazer essa atividade de capoeira aqui. Mas lembrando que os meninos já faziam capoeira aí na

escola. E aí nessa época que eu comecei a fazer essa atividade em 27 de setembro de 2018, a gente era Grupo de Capoeira... Associação de Capoeira Vila Zumbi, do Mestre Zumbi. Logo após que o Mestre Zumbi foi embora pra São Paulo, eu fui e criei essa Associação... Grupo de Capoeira Motumbá Axé, palavra africana, em iorubá, que significa “Deus nos abençoe”. É uma palavra utilizada na religião de matriz africana, onde o pessoal chega e cumprimenta o irmão: “Motumbá, meu irmão”, e o irmão responde: “Motumbá axé”. Então essa palavra “motumbá axé” é utilizada na religião de matriz africana, o candomblé. Então eu criei o grupo em 27 de setembro de 2018, não, o grupo começou aqui em 27 de 2018 e logo após que Mestre Zumbi foi embora em dezembro, finalzinho de dezembro ele foi embora, e aí em janeiro fui e criei, pesquisei um nome mais adequado com a minha realidade que eu vivia no dia a dia e coloquei esse nome. E o mestre Didi da cidade de Poções falou: “Não, Peruca, eu tô com você pra dar um apoio aí com esse projeto de capoeira aí em sua cidade”. E aí, tamo junto com mestre Didi da cidade de Poções. Ele lá tem um grupo lá com o nome Energia da Terra e eu tenho um grupo aqui com o nome Motumbá Axé e ele assina embaixo, sendo viável e correto pra capoeira, ele assina embaixo e concorda com as atividades que eu desenvolvo aqui.

T: Então quer dizer que quando o senhor criou a escola de capoeira o senhor fazia parte do Grupo Viva Zumbi?

PP: Não, eu já não fazia mais parte do Viva Zumbi, não. O Viva Zumbi, com o mestre Zumbi, que tava aqui, que fazia um trabalho de capoeira lá no alto da Bela Vista, no popular bairro Inferninho, dentro de um terreiro, fazia essa atividade lá dentro dessa comunidade tradicional africana, fazia a atividade lá no Alto da Bela Vista. E aí a gente realizou um evento ali no Barro Preto, na Escola Quilombola. Mas o mestre Zumbi acabou tendo que mudar pra outra cidade e eu tive que fazer a minha escolha: ou eu ficava com o Viva Zumbi ou eu ia procurar outra sessão de capoeira pra poder fazer. Só que aí eu tinha uma linha de pensamento de capoeira. E aí eu falei: não, eu vou criar a minha própria escola de capoeira. Na época a corda que o mestre Zumbi me deu foi de chamado de contramestre, mas é o mesmo significado de professor. E aí botei a escola Motumbá Axé, e a escola Motumbá Axé tomou uma dimensão enorme, saiu em blogues, em noticiário, em anúncio, então assim o Motumbá Axé foi um nome tão forte que tomou uma dimensão enorme na

cidade. Então hoje a gente é referência de apresentações e tudo na cidade, Motumbá Axé. Passando um período em Itacaré, agora junto com a companheira Taty, que tá dando aula lá, e mesmo lá em Itacaré o pessoal fica nos convidando pra participar de eventos de capoeira aqui. Então ainda sou uma referência de capoeira. Vim aqui ver meus pais em Jequié e tem meninos que é eu chegar, chega junto pra treinar capoeira, não quer ir pra outro grupo de capoeira, quer ficar no Motumbá Axé, se sente à vontade, se sente em casa, pra poder tocar, cantar. Então, assim, é um grupo que realmente é Axé mesmo. Mas falta mais investimento do município, é um trabalho que eu faço, de prevenção, e tudo, mas não tem apoio, nem do estado nem do município, infelizmente. Mas enfim, é isso.

APÊNDICE B – Entrevista com Caxixi Capoeira, aluno de Professor Peruca

T: TATIANE

CC: CAXIXI CAPOEIRA

T: Boa noite. Qual o seu nome e idade?

CC: Caxixi, 19 anos. [Nome foi ocultado para preservar identidade dos participantes da pesquisa].

T: E o apelido na capoeira?

CC: Caxixi Capoeira. [Apelido foi ocultado para preservar identidade dos sujeitos da pesquisa].

T: Você se considera que é de raça/cor?

CC: Preta.

T: Qual a sua escolaridade?

CC: Ensino Médio.

T: Você tem religião?

CC: Sim.

T: Qual?

CC: Evangélica.

T: Você pode contar para a gente quando foi que começou a capoeira?

CC: Sim, foi em 2012, no Projeto Mais Educação, na Escola [municipal que estudava].

Eu gostava muito da capoeira e, quando tive a oportunidade, comecei a capoeira.

T: Você é graduado?

CC: Sim.

T: Qual é a sua graduação?

CC: Segunda corda.

T: Como foi esse Programa Mais Educação?

CC: Era um projeto, tinha o horário de fazer só a capoeira, onde juntava uma galera que estudava, dependendo do turno, se estudava pela manhã fazia pela tarde; se estudasse pela tarde, fazia pela manhã. Eu como estudava pela tarde, fazia pela manhã, às vezes. Mas não fiquei muito tempo pela manhã, saí logo, fui para a tarde, e fazia capoeira pela tarde, às 5 horas, na escola.

T: Você escolheu a capoeira de primeira ou participou de alguma outra modalidade?

CC: Eu escolhi a capoeira primeiro. Logo após dei uma pausa. Fiz um pouco de percussão, mas depois parei e continuei na capoeira.

T: A qual grupo de capoeira você pertence hoje?

CC: Grupo Motumbá Axé.

T: A escolha por se tornar capoeirista e pelo grupo que hoje faz parte, você diria que tem a ver com sua experiência com a capoeira na escola?

CC: Sim, porque sigo com o mesmo professor. A capoeira até hoje (incompreensível)... damos continuidade ao mesmo grupo de capoeira.

T: As aulas de capoeira eram ministradas no contraturno, certo? Algum professor ou professora abordava o assunto da capoeira nas disciplinas em que dava aula. Por exemplo, fazia relação da capoeira com o assunto de sua matéria?

CC: Sim, muitas vezes. Eu era muito curioso e queria saber mais sobre capoeira. Não adianta saber só a prática e não saber a teoria da capoeira, né? Da onde ela realmente veio e seus fundamentos.

T: Como e quando a escola tratava do tema da capoeira? Havia datas específicas? Por exemplo: Folclore, 20 de novembro.

CC: Rapaz, era em datas específicas, porque não falava muito. Mas eu buscava muito a curiosidade sobre o assunto da capoeira nas matérias, aí eu entendia muito bem já um pouco sobre a capoeira.

T: Em que a capoeira o ajudou ou ajuda na sua relação com o outro na escola e fora dela?

CC: Sim, a capoeira tem muitas coisas para ensinar: disciplina, postura, nome e da onde você veio, e ensina várias coisas que a gente pode levar para a vida inteira

T: Você poderia descrever o que é capoeira?

CC: Capoeira é tudo. Acho que já amanhece já pensando em capoeira. Capoeira é energia, a gente faz amigo, conhece. Tem uma vibe incrível quem joga capoeira. Conhece, sabe, quem joga sente realmente a verdadeira energia da capoeira fora e dentro, como aqui (na Escola de Capoeira Motumbá Axé), como em outros lugares; quem joga capoeira sabe como é sentir capoeirista.

T: Qual ou quais lições a capoeira ensina e que você poderia compartilhar para as pessoas que não a conhecem ou que sabe pouco sobre ela?

CC: A capoeira ensina muitas coisas. Disciplina, dentro e fora, em casa. Ensina disciplina, ter compromisso, ter responsabilidade. E quem joga capoeira vai saber como entra e como sai de qualquer lugar. Aprende várias coisas.

APÊNDICE C – Entrevista com Dobrão, aluno de Professor Peruca

T: TATIANE

D: DOBRÃO

T: Qual seu nome e sua idade?

D: CNS [Nome foi ocultado para preservar a identidade do participante da pesquisa.]. Tenho 23 anos de idade.

T: Qual o seu apelido na capoeira?

D: Dobrão. [Apelido foi ocultado para preservar a identidade do participante da pesquisa.]

T: Você se considera de que cor ou raça?

D: Sou considerado cor Afro.

T: Qual a sua escolaridade?

D: 1.º Ano [Ensino Médio]

T: Você é uma pessoa religiosa? Você tem religião?

D: Não, nenhuma.

T: Agora, eu gostaria que você me contasse um pouco da história de quando você começou a capoeira.

D: Bom, eu comecei a capoeira eu era bem novinho. Muito novo. E eu passei por vários mestres, né? Passei pelo... pelo Mestre I. Aí do Mestre I, veio Mestre R. Do Mestre R veio Mestre Sá. E aí, eu vim nessa carreira ai, né? Mas, infelizmente sempre que eu voltava a treinar, aí sempre dava uma parada, e eles não continuava, né? Então, eu comecei, eu comecei desde os doze. Acho que foi desde os doze, tenho muito tempo na capoeira. E venho treinando aí ainda.

T: Você é graduado, não é? Qual é a sua graduação?

D: Bom, no começo, eu tinha pegado a graduação infantil, que era a corda verde e cinza. Que o Engrenagem [nome do grupo foi trocado a fim de ocultar identidade], no caso era a verde e cinza. Aí eu peguei a graduação infantil, que eu era ainda de menor. Peguei na Escola Berimbau.

T: Em que ano foi que você pegou essa graduação infantil na Escola Berimbau?

D: Essa graduação, se eu não me engano, eu peguei lá para 2012 até 2014. Foi, foi no Mais Educação. Só que o batizado não foi na Escola Berimbau. Eu acho que foi pelo Mais Educação, porque só foi duas pessoas que pegou a corda. O batizado foi lá na Escola Pandeiro. A gente pegou a corda lá.

T: Conta um pouco da história dos grupos pelos quais você passou e qual grupo de capoeira você pertence hoje.

D: Bom, a primeira escola a qual que eu passei foi a do professor, I, né? Mestre I, localizada no..., antigamente ela era ali no Viveiro. Hoje ele é um mecânico, né? É, abandonou a capoeira. Infelizmente. Passei muito tempo treinando lá. E a segunda foi a... do Mestre R. Ele colocou um grupinho de capoeira num, no Parque das Algarobas, na quadra. Comecei a treinar com ele. O treino também era muito legal. O pessoal era muito gente boa. E a terceira escola que passei foi a escola do... Mestre Cabaça, que era o Mais Educação, né? Eu treinava com ele lá no Mais Educação da escola. E pela escola, a gente apresentou também em outras escolas.

A gente apresentou na mesma escola da gente, né? E a escola que pertencço hoje é a Escola Motumbá Axé, de professor Peruca.

T: A sua história com a capoeira hoje... você acredita que a capoeira oferecida pelo Programa Mais Educação influenciou você estar na capoeira hoje?

D: Bom, antes do Mais Educação, eu já treinava capoeira, né? Mas o Mais Educação, a capoeira sendo colocada no Mais Educação das escolas, ela pode influenciar mais alunos, né?, mais pessoas para a capoeira. E a capoeira pode abraçar mais, mais pessoas, né? Tipo assim: como uma família, né? Então, antes do Projeto, eu já treinava, mas depois do Mais Educação que eu não resolvi desisti mais nunca da capoeira.

T: Você poderia dizer se a capoeira ajudou você ou ajuda na relação com o outro?

D: Bom, a capoeira ela me ajudou tipo assim as vezes que tava pra baixo, que tava triste, entendeu? Eu falava não, não vou treinar, mas aí eu levantava a cabeça e falava não, eu vou treinar porque lá é o melhor lugar para esquecer os problemas. Então ela me ajudou em momentos de crise, de tristeza. Ela me levantou bastante.

T: Você poderia descrever para mim o que é capoeira para você?

D: Bom, a capoeira para mim é a melhor coisa que aconteceu desse ano aí de 2015 para cá. Quando eu comecei a treinar com o professor Peruca, né? Foi uma experiência muito boa para mim. Viajei pra Poções, conheci capoeirista novos. Conheci coisas novas, né? Então... desse tempo para cá, ela foi uma das coisas que melhorou muito para mim, né?

T: Para finalizar, Dobrão, eu queria saber de você qual lição ou quais lições a capoeira ensina e que você poderia compartilhar com as pessoas que não conhecem a capoeira ou que sabem pouco sobre ela.

D: Bom, na verdade, nem todas as pessoas são que nem a gente, né? As poucas pessoas que conhecem e as pessoas que não conhecem a capoeira, elas aparentemente julgam a capoeira por ser uma arte marcial. Mas, na verdade, a capoeira é praticamente divertimento, entendeu? Na onde você pode se divertir com o colega. Você pode praticamente dançar, jogar um jogo leve. Então as pessoas que não conhecem, elas criticam a capoeira, entendeu? As pessoas que nunca viram, que já assistiu pela internet... porque tipo assim, a capoeira ela não é uma arte marcial, praticamente ela é uma dança, entendeu? Mas as pessoas que não conhecem, que tão de fora, elas julgam achando que é uma arte marcial perigosa.